

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS) – *CAMPUS FELIZ***

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS- PORTUGUÊS E INGLÊS

ELISÂNGELA XAVIER MARTINY

CAROLINA MARIA DE JESUS E JOVENS ESTUDANTES DO SÉCULO

XXI:

O diário como porta de acesso às subjetividades

Feliz
2024

ELISÂNGELA XAVIER MARTINY

**CAROLINA MARIA DE JESUS E JOVENS ESTUDANTES DO SÉCULO
XXI:**

O diário como porta de acesso às subjetividades

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Inglês, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus* Feliz como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Izandra Alves

Feliz
2024

ELISÂNGELA XAVIER MARTINY

**CAROLINA MARIA DE JESUS E JOVENS ESTUDANTES DO SÉCULO
XXI:**

O diário como porta de acesso às subjetividades

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Inglês, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus* Feliz como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Izandra Alves

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Tatiane Kaspari (IFRS-*Campus* Feliz)

Profa. Dra. Silvani Lopes Lima (IFRS-*Campus* Ibirubá)

Feliz
2024

AGRADECIMENTOS

À minha família, esposo e filhos, que estiveram sempre ao meu lado, oferecendo amor, paciência e compreensão, expresso minha mais sincera gratidão. Agradeço especialmente pela compreensão diante das minhas constantes ausências, ao longo de seis anos, nos finais de semana e nas noites em que me dediquei de forma intensa aos estudos e às leituras. Cada momento de afastamento foi impulsionado pela busca de um sonho, e vocês sempre souberam, com ternura e apoio, que esse esforço refletia meu compromisso com a construção do meu futuro. Sem o apoio incondicional de cada um de vocês, a realização deste trabalho não teria sido possível.

À minha mãe, Dona Ledi, que desempenhou com maestria os papéis de pai e mãe desde a minha infância. Você, mãe, foi e continua sendo meu alicerce, fonte de força e inspiração. Encontrou nos filhos a motivação para superar muitas adversidades e, com isso, me ensinou o verdadeiro significado de resiliência e amor. A você devo não só a pessoa que sou, mas também a capacidade de perseverar, enfrentar desafios e, acima de tudo, acreditar em mim.

À minha irmã, Juliana, com seu espírito livre, sempre buscando viver com autenticidade e desafiando os limites para trilhar seu próprio caminho. Sua liberdade de pensamento e ação são uma inspiração constante para mim.

À minha filha, Bruna, que me impressiona a cada dia com sua independência, determinação e foco. Sua capacidade de seguir seus objetivos com clareza e empenho, mantendo-se firme e autossuficiente, é um exemplo de força e perseverança. Ambas, com suas personalidades distintas, enriquecem minha vida e me ensinam lições valiosas sobre como equilibrar liberdade com determinação. Sou imensamente grata por tê-las ao meu lado, compartilhando suas jornadas e me inspirando com suas forças e conquistas.

À minha orientadora, Dra. Izandra Alves, expresso minha mais profunda gratidão pela orientação precisa e constante, pela confiança em meu potencial e pela paciência ao me guiar nos processos necessários para a realização deste trabalho. Sua parceria e compreensão foram essenciais para o desenvolvimento e aprimoramento das minhas ideias. Mais do que uma professora excepcional, você foi uma verdadeira fonte de motivação e respeito, acolhendo-me com dedicação e me conduzindo, sempre com carinho e empatia, pelos desafios desta jornada acadêmica. Sou imensamente admiradora do entusiasmo e do amor com que dedica seu tempo e energia aos seus alunos, inspirando-nos a cada dia.

Aos meus amigos e, especialmente, às minhas amigas, que se tornaram cúmplices desta trajetória, oferecendo não apenas palavras de apoio, mas também ouvindo

pacientemente minhas reflexões intermináveis sobre leituras, noites mal dormidas e a necessidade de ler, estudar e escrever.. Agradeço profundamente por não terem se distanciado, por estarem sempre presentes, mesmo diante das inúmeras ausências que a vida acadêmica impôs. O afeto e a compreensão de vocês foram essenciais para que eu não me sentisse sozinha em momentos de maior cansaço e incerteza.

Às minhas colegas, Jaque, Samanta, Heloísa e Pâmela, que, ao longo dessa trajetória, se tornaram grandes amigas. No início, éramos apenas colegas, mas com o tempo, nossas noites de trocas, conversas, desafios e risadas fortaleceram nossa amizade. Em diversos momentos, as lágrimas também fizeram parte dessa caminhada, com cada uma de nós apoiando as outras. Sem o apoio e a amizade de vocês, nada disso teria sido possível. Hoje, nossos encontros são verdadeiras terapias, sempre repletos de carinho e compreensão.

A todos vocês, que compreenderam minhas ausências e, ainda assim, me sustentaram com carinho, dedicação e amizade, meu mais sincero obrigado. Este trabalho não é apenas fruto da minha dedicação pessoal, mas também da colaboração silenciosa e afetuosa daqueles que caminharam ao meu lado, seja na distância ou na proximidade, mas sempre presente.

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados acerca da investigação que trata de responder como a leitura de *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, pode dialogar e inspirar a escrita de mulheres, jovens estudantes da atualidade. Como objetivo geral, a pesquisa trata de analisar as escritas de estudantes do 4º ano do ensino médio técnico do IFRS Campus Feliz, que tiveram como inspiração a obra *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, a fim de perceber as reflexões e/ou influências da autora nos textos das jovens. Como objetivos específicos, destacamos: a) levantar dados acerca da autora Carolina Maria de Jesus e da fortuna crítica acerca de sua obra *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*; b) discorrer sobre o gênero diário e suas características específicas de escrita que tocam nas questões de subjetividade; c) analisar a escrita das quinze estudantes participantes da pesquisa e estabelecer relações com a obra que liam; e, por fim, d) relacionar a escrita do diário como uma possibilidade das jovens voltarem seus olhares para si e expressarem suas inquietações, percepções e reflexões acerca de suas subjetividades. A abordagem da pesquisa é qualitativa, com base em Robert Yin (2001), Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (2001) e Antônio e Carlos Gil (2002), e foi realizada através de uma investigação bibliográfica acerca da autora e do que a crítica diz sobre sua produção. Posteriormente, através de um estudo de caso, analisamos os escritos que as estudantes realizaram a partir da leitura da obra em questão. Assim, além de discutir a obra em seus aspectos de literariedade e de construção do diário enquanto gênero textual, analisamos os escritos das estudantes dando ênfase às possíveis relações e/ou imbricações com o texto de Carolina, a partir da categorização dos dados coletados, à luz da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2009): 1. Aproximações e distanciamentos nas escolhas linguísticas. 2. Abordagem dos temas: família, educação, leitura, condição feminina e questões políticas e sociais. Como aporte teórico para a pesquisa nos valem de autores/as da área da leitura e da escrita, como por exemplo Conceição Evaristo (2020) e dos estudos de Izandra Alves e Aryeli Ortiz (2024), Antonio Candido (1998), Jorge Larrosa (2004), Paulo Freire (2019) Erika Natacha Fernandes de Andrade e Marcus Vinicius da Cunha (2016), Beth Brait (2005), Mikhail Bakhtin (2003) Luiz Antônio Marcuschi Marcuschi (2003), Leila Domingues Machado (2004), Regina Dalcastagnè (2012), Philippe Lejeune (2014). Como resultados revelamos uma estreita relação na forma de escrita que segue os padrões do gênero diário. Além disso, os temas que perturbavam Carolina Maria tocam as estudantes na medida em que empaticamente se colocam como responsáveis pela luta em busca da mudança social que tarda a chegar. Por fim, as leituras do que escreveram as diaristas jovens do século XXI em

diálogo com a escritora negra, catadora e mãe solo do século XIX revelam que o caráter humanizador da literatura se faz presente em cada relato e que cabe aos educadores mantê-lo vivo através de práticas como estas para que as carolinas tenham voz e direito à palavra.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Leitura. Gênero diário. Subjetividade na escrita, Educação e transformação social.

ABSTRACT

This paper presents the results of an investigation aimed at answering how the reading of *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada* (Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus), by Carolina Maria de Jesus, can dialogue with and inspire the writing of contemporary young women students. The general objective of the research is to analyze the writings of 4th-year technical high school students at IFRS Campus Feliz, seeking to identify author's reflections and influences. The specific objectives are: a) to gather data about Carolina Maria de Jesus and the critical reception of her work *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*; b) to discuss the diary as a literary genre, highlighting its specific characteristics that deal with subjectivity; c) to analyze the writing of the fifteen female students participating in the research and establish connections with the work they read; and finally, d) to relate diary writing as an opportunity for young women to reflect on themselves and express their concerns, perceptions, and reflections about their subjectivities. The research follows a qualitative approach, based on Robert Yin (2001), Eva Maria Lakatos and Marina de Andrade Marconi (2001), and Antônio and Carlos Gil (2002). It was carried out through bibliographical research on the author and critical perspectives on her book. Subsequently, through a case study, we analyzed the texts produced by the students inspired by their reading of the book. Thus, in addition to discussing the literary aspects of the work and the diary as a textual genre, we analyzed the students' writings, emphasizing the possible relationships and/or intersections with Carolina's text, based on the categorization of the collected data, guided by Laurence Bardin's (2009) content analysis: Similarities and differences in linguistic choices. Discussion of themes such as family, education, reading, women's condition, and political and social issues. The theoretical framework includes contributions from scholars in reading and writing, such as Conceição Evaristo (2020), Izandra Alves and Aryeli Ortiz (2024), Antonio Candido (1998), Jorge Larrosa (2004), Paulo Freire (2019), Erika Natacha Fernandes de Andrade and Marcus Vinicius da Cunha (2016), Beth Brait (2005), Mikhail Bakhtin (2003), Luiz Antônio Marcuschi (2003), Leila Domingues Machado (2004), Regina Dalcastagnè (2012), and Philippe Lejeune (2014). The findings reveal a close alignment in the writing style with the diary genre's conventions. Moreover, the themes that concerned Carolina Maria resonate deeply with the students, as they empathetically assume a sense of responsibility for advocating for social change that remains overdue. Finally, the writings of 21st-century young diarists, in dialogue with the Black writer, waste picker, and single mother of the 20th century, demonstrate the humanizing

power of literature in each narrative. It is up to educators to keep this power alive through practices like these, ensuring that "Carolinas" have a voice and the right to speak.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Reading. Diary genre. Subjectivity in writing. Education and Social Change.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PERCURSO METODOLÓGICO: QUEM SÃO AS ESTUDANTES QUE PERCORREM O QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS E COMO FIZEMOS PARA TRANSITAR POR ELE	16
2.1	A abordagem qualitativa	16
2.2	O público e a coleta dos dados	17
	1.2.1 Dados socioeconômicos e estrutura familiar	19
	1.2.2 Aproximações e distanciamentos	20
	1.2.3 Impacto e reflexão pessoal a partir da leitura	22
2.3	A pesquisa bibliográfica e o tratamento dos dados	23
3	CAROLINA MARIA DE JESUS E A ESCRITA FEMININA NEGRA	25
3.1	A mulher e mãe	25
3.2	A mulher escritora negra	26
3.3	A escrita pedagógica de Carolina Maria	31
4	O GÊNERO DIÁRIO	35
4.1	O diário de Carolina Maria de Jesus e a escrita de si	37
4.2	A autora Carolina Maria de Jesus e o diário na literatura contemporânea: busca pela aceitação	40
4.3	A importância de Quarto de despejo: diário de uma favelada (2024), no século XXI	43
5	AS ESCOLHAS LINGUÍSTICAS PARA A CONSTRUÇÃO TEXTUAL DAS JOVENS E DA AUTORA CAROLINA MARIA DE JESUS	47
5.1	Sobre o que escrevem as meninas do século XXI e Carolina Maria: algumas aproximações	50
	5.1.1 Educação e leitura	51
	5.1.2 Inclusão de questões sociais e políticas	52
	5.1.3 Família	55

5.1.4 Condição feminina	58	
6	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA FINALIZAR	63
REFERÊNCIAS		65
APÊNDICE 1		66
APÊNDICE 2		69
APÊNDICE 3		70
ANEXO 1 – Texto de Margarida		75
ANEXO 2 – Texto de Ada		77
ANEXO 3 – Texto de Antônia		78
ANEXO 4 – Texto de Évelyn		79
ANEXO 5 – Texto de Clarissa		81
ANEXO 6 – Textos de Marília Carmen		86
ANEXO 7 – Textos de UVA		88
ANEXO 8 - Textos de Regina Phalange		89

1 INTRODUÇÃO

A obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus, foi apresentada a mim no início de minha trajetória acadêmica, no componente curricular "Panorama da Cultura e Literatura de Língua Portuguesa". Desde então, a história dessa mulher extraordinária não apenas impactou profundamente minha percepção da literatura, mas também transformou minha própria visão de mundo. Assim, Carolina Maria de Jesus tornou-se, para mim, uma fonte de inspiração e força em minha caminhada como mulher, esposa, mãe, trabalhadora e estudante que concilia uma rotina intensa com a busca constante por conhecimento e superação.

Os registros de Carolina Maria de Jesus me levaram a profundas reflexões sobre a condição feminina, despertando em mim a compreensão de que, independentemente dos desafios que enfrentamos, é fundamental exercer nosso papel de protagonistas de nossas escolhas. Seja no âmbito familiar, no trabalho ou na sociedade, a mulher deve ser ativa na construção de seu lugar, utilizando-se da voz, da escrita e de atitudes como ferramentas de transformação. Essa percepção me fortaleceu e continua a me guiar em minha trajetória pessoal e acadêmica.

A escrita de Carolina Maria de Jesus, marcada por sua linguagem direta e contundente, expõe a realidade dura e, por vezes, tão sufocante enfrentada por ela e por tantos outros que vivem à margem da sociedade. Sua paixão pela leitura, cultivada de forma autodidata ao recolher e valorar pedaços de papel encontrados no lixo, abriu-lhe as portas para a literatura e possibilitou que seu testemunho alcançasse o mundo.

Em *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (2014), Carolina narra a miséria, a fome, a injustiça e o racismo que permeia sua vida e as de seus vizinhos na favela do Canindé, em São Paulo. A fome, que segundo a autora, “tinha cor” e pulsava em cada página de seu diário, não era apenas um sofrimento físico, mas também uma força que alimentava sua escrita, transformando dor e exclusão em testemunhos literários.

Essa obra transcende a denúncia social ao revelar a força de uma mulher movida por sonhos e esperança, inspirando leitores a refletirem sobre as desigualdades que persistem até hoje. O impacto desse texto ultrapassa o relato de uma época e nos conduz a uma autorreflexão sobre o poder da escrita e sua capacidade de testemunhar histórias, realidades e lutas de indivíduos e grupos marginalizados.

A narrativa de *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (2014) destaca a resiliência de sua protagonista, que, mesmo diante de inúmeras adversidades, manteve a determinação de lutar por uma vida melhor, deixando um legado de resistência e superação. A presença de Carolina Maria de Jesus foi tão marcante em minha trajetória acadêmica e pessoal que, ao saber que estudantes do ensino médio técnico da instituição onde estudo estavam lendo sua obra e escrevendo a partir dela, orientadas pela professora Izandra Alves, surgiu em mim o interesse de entender como essas jovens mulheres do século XXI dialogam com o texto de Carolina.

Assim, o tema deste trabalho de pesquisa é “Carolina Maria de Jesus e jovens estudantes do século XXI: o diário como porta de acesso às subjetividades”. A pesquisa parte de resolver/responder o problema que é: em que medida a leitura de *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, pode dialogar e inspirar a escrita de estudantes do século XXI? Nossa hipótese é de que as adolescentes que escrevem seus diários, inspiradas pela leitura da obra de Carolina Maria de Jesus, demonstram empatia e, a partir desse lugar, questionam seus privilégios e (re) constroem suas subjetividades. Dessa forma, a fim de responder ao questionamento que nos move e provarmos nossa hipótese, seguimos o objetivo geral da investigação, que é averiguar as escritas de estudantes do 4º ano do ensino médio técnico, do IFRS *Campus Feliz*, que tiveram como inspiração a obra *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, a fim de perceber as reflexões e/ou influências da autora nos textos das jovens. Como objetivos específicos, destacamos: a) levantar dados acerca da autora Carolina Maria de Jesus e da fortuna crítica acerca de sua obra *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*; b) discorrer sobre o gênero diário e suas características específicas de escrita que tocam nas questões de subjetividade; c) analisar a escrita das estudantes participantes da pesquisa e estabelecer relações com a obra que liam; e, por fim, d) relacionar a escrita do diário como uma possibilidade das jovens voltarem seus olhares para si e expressarem suas inquietações, percepções e reflexões acerca de suas subjetividades.

O primeiro capítulo trata das questões metodológicas, quando explicamos o percurso que usamos para adentrar no quarto de despejo de Carolina Maria e irmos ao encontro dos diários das estudantes. Nesse momento, damos a conhecer o público participante e explicamos o método qualitativo que adotamos, bem como a abordagem de coleta e de tratamento dos dados. Para este fim, valemo-nos dos aportes teóricos de Yin (2001), Marconi e Lakatos (2001), Gil (2002) e Bardin (2009).

O segundo capítulo explora a vida e a obra de Carolina Maria de Jesus, destacando sua trajetória como mulher negra e escritora autodidata. Este capítulo discute o impacto social e literário de *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (2024), contextualizando a autora dentro de uma perspectiva histórica que considera as relações de raça, gênero e classe social no Brasil. Além disso, buscamos mostrar como sua escrita rompe com estereótipos frequentemente associados à figura de Carolina e de como sua obra tornou-se um meio de resistência e denúncia. Também destacamos a relevância de suas contribuições para a literatura brasileira e sua posição como referência para outras mulheres negras que desejam narrar suas próprias vivências. Para este debate, valemo-nos dos conceitos de Evaristo (2020) e dos estudos de Alves e Ortiz (2024), Candido (1998), Larrosa (2004), Freire (2019), dentre outros.

O terceiro capítulo aborda o gênero textual diário, destacando sua importância como uma prática de escrita íntima e subjetiva, que permite a expressão de inquietações pessoais, reflexões e percepções sobre o mundo. Apontamos nessa parte que o diário se configura, assim, como um espaço de resistência e ressignificação, onde o sujeito pode transformar suas experiências e subjetividades. Para entender melhor esse processo, articulamos os conceitos teóricos de autores que discutem a leitura e a escrita feminina negra, com especial atenção às reflexões de Evaristo, (2020), Andrade e Cunha (2016), Brait (2005), Bakhtin (2003) Marcuschi (2003), Machado (2004), Regina Dalcastagnè (2012), Lejeune (2014), dentre outros.

O quarto capítulo se dedica à análise dos diários produzidos pelas estudantes participantes da pesquisa. Por meio de uma abordagem qualitativa e interpretativa, buscamos identificar como escrevem as adolescentes: em que se aproximam e como se distanciam da autora catadora no que diz respeito às escolhas linguísticas. Além disso, analisamos como essas jovens dialogam/ressignificam os temas de *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*. Enfatizamos os assuntos relacionados à leitura, questões sociais e políticas, família e condição feminina. Este capítulo dá atenção ao processo de leitura que as estudantes fizeram e como essa prática contribuiu para a construção de subjetividades mais conscientes e críticas, demonstrando o potencial da literatura para inspirar e transformar vivências pessoais e sociais.

Por fim, no último capítulo deste trabalho, reforçamos o que dizem as teorias da área da leitura que defendem que a escola precisa proporcionar aos estudantes o hábito da leitura como possibilidade de acesso às subjetividades e a (re) construção de pontes de afeto e de lutas. Dizemos isso porque as considerações finais não colocam um ponto, mas sim, apontam para um futuro com possibilidades demarcadas pela empatia. Essa esperança se torna real na

medida em que jovens estudantes se percebem em seus lugares de privilégio e aceitam participar de uma pesquisa acerca de leitura escrita por uma mulher negra, catadora e mãe solo. Este texto mostra que as Carolinas já não vivem no Canindé, mas em toda a cidade de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Brasília, de Porto Alegre, de Feliz e pelo mundo afora. Somos todas Carolinas.

2 PERCURSO METODOLÓGICO: QUEM SÃO AS ESTUDANTES QUE PERCORREM O QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS E COMO FIZEMOS PARA TRANSITAR POR ELE

A abordagem dessa pesquisa é qualitativa e procura responder ao problema: “Em que medida a leitura de *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, pode dialogar e inspirar a escrita de estudantes do século XXI?”. Para tanto, nosso objetivo é averiguar as escritas de estudantes do 4º ano do ensino médio técnico do IFRS *Campus Feliz*, que tiveram como inspiração a obra citada, a fim de perceber as reflexões e/ou influências da autora nos seus textos. Nossa investigação parte da hipótese de que as adolescentes que escrevem seus diários, inspiradas pela leitura da obra de Carolina Maria de Jesus, demonstram empatia e, a partir desse lugar, questionam seus privilégios e (re) controem suas subjetividades. Essa perspectiva é que faz com que a investigação seja definida como subjetiva. Por possuir características não estruturadas, é rica em contexto e enfatiza as interações com os participantes, seja no caso da obra da autora analisada ou nos textos das estudantes. Quanto à classificação desta investigação no que se refere ao método para a coleta dos dados, valemo-nos da pesquisa bibliográfica e do estudo de caso. O tratamento dos dados é feito à luz da análise de conteúdo.

2.1 A abordagem qualitativa

O conceito de abordagem qualitativa aqui adotado é aquele direcionado a identificar benefícios e resultados da investigação. Isto inclui a explicitação da subjetividade da percepção do outro. Do ponto de vista da organização, a qualidade é sempre definida por critérios técnico-políticos; do ponto de vista dos investigados, além do critério anterior, a qualidade inclui a expectativa destes sujeitos. Em relação ao conceito de qualidade quando referido pela população-alvo e outros usuários, os critérios adotados têm como base a expectativa destes sujeitos (sempre mutável e flexível), que deve ser sempre conhecida e que depende fortemente de experiências acumuladas. Desse modo, as pesquisas que tratam de leitura e de suas percepções são impossíveis de serem mensuradas por suas características muito particulares que dizem respeito a percepções subjetivas dos envolvidos/entrevistados/pesquisados. Adentramos, então, no campo do imponderável.

A classificação dessa pesquisa quanto aos meios é composta de duas partes: uma bibliográfica - quando trata do levantamento de dados acerca de Carolina Maria de Jesus, sua

obra e o estudo do diário enquanto gênero - e a outra de estudo de caso – a escrita das jovens estudantes de Ensino Médio. Essa é, então, a maneira que utilizamos para investigar porque queremos desenvolver um estudo sobre o que escrevem as adolescentes do ensino médio a partir do que leem de Carolina Maria de Jesus.

Segundo Yin (2001), o estudo de caso é um método pertinente para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, principalmente quando não temos clareza sobre os limites entre o fenômeno e o contexto. Pode ser realizado a partir de um único caso ou de casos múltiplos. A investigação do estudo de caso observa a situação tecnicamente diferenciada em que existirão muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados. Como resultado, conta com múltiplas fontes de evidência e com os dados precisando convergir de maneira triangular. Outro fator importante é que se beneficia do desenvolvimento anterior das posições teóricas para orientar a coleta e análise de dados.

O estudo de caso é o método mais adequado, quando as questões “como” ou “por que” são propostas. Além disso, se o investigador tem pouco controle sobre os eventos, ou o enfoque está sobre um fenômeno contemporâneo no contexto da vida real, como observa-se nas escritas do diário das adolescentes. Ainda, pode-se inferir que o estudo de caso observa a existência de múltiplas variáveis e possui muitas fontes de evidência, que podem ter origem em fontes distintas, tais como documentos, entrevistas, observação, dentre outras.

Quanto aos fins, a classificação da pesquisa é explicativa e descritiva. O primeiro caso diz respeito ao levantamento dos dados que vêm esclarecer os fatores que contribuem para a relação entre a autora e sua escrita de diário e estudantes e suas reflexões contemporâneas sobre si e o mundo em que vivem. No segundo caso, a pesquisa é descritiva no momento em que associamos os conhecimentos pré-existentes acerca da autora e das estudantes (entrevistadas) de forma a caracterizá-los.

2.2 O público e a coleta dos dados

No que se refere ao público dessa pesquisa, destacamos que se trata de 15 estudantes mulheres matriculadas nos 4º anos do ensino médio técnico do IFRS, *Campus Feliz*, dos cursos de Química e Meio Ambiente, que aceitaram ceder seus escritos para a investigação. Enfatizamos que essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer de número 6.262.356 (Apêndice 3), no dia 25 e agosto de 2023 e que está cadastrada no sistema SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas) sob o código

PVG1739-2023, do Edital PROPI nº 03/2023 - Projeto de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação.

A escolha do público deu-se pelo fato de serem alunas da minha orientadora e estarem lendo a obra em questão e escrevendo seus diários, a partir dessa leitura. Os estudantes homens foram excluídos da pesquisa porque pretendemos enfatizar aspectos específicos do ser feminino que poderão estar descritos nas observações diárias das garotas e, também, por associar à vida, anseios, medos e perspectivas da autora e relacionar com os aspectos do ser mulher. Essa amostra, então, foi definida como não-probabilística, já que foram escolhidas intencionalmente, por acessibilidade e tipicidade.

O instrumento de coleta de dados para as participantes foi um questionário via formulário eletrônico que facilita o acesso e a participação. O formulário foi enviado após as estudantes – todas maiores de 18 anos - terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 1). Assim, obtivemos respostas semiestruturadas o que permitiu maior abertura por parte das estudantes em responder as questões e também realizarem observações acerca do tema. O questionário foi composto por 13 perguntas que contemplaram informações sobre a família, sua estruturação e renda, bem como acerca do acesso à leitura e à escrita (Apêndice 2). Essas escolhas se justificam porque, ao compararmos as realidades da autora Carolina Maria de Jesus e das estudantes, esses dados serão relevantes. Quanto à parte da pesquisa de ordem bibliográfica, pesquisamos artigos e publicações em bases de dados da Capes a fim de verificar o que já se escreveu sobre a autora que possa dialogar com essa investigação.

Com base nos dados coletados, procuramos dialogar com os estudos de Miriam Abramovay *et al.* (2015) que discute o perfil dos jovens que frequentam a escola em diferentes contextos. Assim, faz-se possível esboçar um perfil etário das jovens participantes da pesquisa. O que descobrimos é que a maioria delas tem entre 18 e 19 anos, uma fase de transição significativa marcada pelo término do ensino médio e pelo início da vida universitária ou da busca por inserção no mercado de trabalho. Nessa faixa etária, segundo os autores, as jovens encontram-se em um momento de construção de identidade, em que questões sobre escolhas de vida, valores pessoais e objetivos a longo prazo tornam-se centrais.

A divisão em 18 anos completos e ou 19 anos indica uma leve variação de idades, mas todas compartilham proximidade em termos de desenvolvimento e expectativas para o futuro. Esse perfil etário reflete um período de autodescoberta e exploração da própria identidade. Nessa fase, como afirma Miriam Abramovay *et al.* (2015), a maioria das jovens

experimentam um processo de questionamento, onde redefinem valores e iniciam a construção de uma imagem pessoal mais consolidada. Essa fase de transição inclui também o ingresso em responsabilidades típicas da vida adulta, como estudos de nível superior, entrada no mercado de trabalho e maior gestão financeira.

As relações sociais e comunitárias ganham especial importância, com uma busca crescente por grupos que compartilhem interesses e valores, em particular aqueles alinhados a causas sociais, culturais e políticas. As expectativas em relação ao futuro, combinadas com uma liberdade típica do final da adolescência, fazem dessa fase um momento de sonhos, mas também de planejamento.

Em um contexto mais amplo, essas jovens vivem uma fase emblemática no século XXI, caracterizada por uma busca por afirmação e identidade em meio a discussões sobre diversidade, pertencimento e empoderamento. Esse contexto social e cultural é fundamental para compreender as ambições, os valores e as lutas que definem as trajetórias dessas jovens. Assim, o perfil etário das participantes permite vislumbrar, de acordo com Miriam Abramovay *et al.* (2015), um grupo em busca de novas oportunidades e afirmação pessoal e profissional.

1.2.1 Dados socioeconômicos e estrutura familiar

A análise dos dados sobre a estrutura familiar e as condições socioeconômicas das jovens revela um cenário diversificado e rico para compreender a fase de transição em que se encontram. Em termos de estrutura familiar, 66,7% das participantes residem com pais e irmãos, o que pode indicar uma rede de apoio forte e uma convivência familiar mais intensa, refletindo um sistema de valores onde a família ocupa papel central no cotidiano e nas escolhas pessoais, muito diferente do que a história da diarista Carolina Maria, que não possui rede de apoio para as demandas familiares e econômicas. Há, contudo, 8,3% que residem sozinhas, o que sugere uma maior independência e autonomia. Elas destacam que estudam em um curso técnico e realizam estágio ou bolsas na instituição e, pela família residir distante do *campus*, alugam imóvel na cidade de Feliz para facilitar o deslocamento. Esse dado pode indicar também o início de uma fase de maior responsabilidade pessoal, ainda que mantenham vínculos familiares significativos. Em ambos os casos, notamos grande diferença entre elas e a diarista Carolina Maria de Jesus: mulher-mãe que vive com sua prole sem o auxílio de ninguém.

No que tange ao tipo de habitação, 91,7% das participantes vivem em casas, o que sugere um padrão de vida familiar mais estável e, em muitos casos, uma convivência mais próxima com o núcleo familiar. Já a pequena parcela que reside em apartamentos (8,3%) pode indicar uma realidade mais urbana, associada a contextos de moradia mais próximos de centros de educação ou trabalho. Esses dados refletem tanto a diversidade de estilos de vida como as nuances que caracterizam as jovens em diferentes níveis de integração com suas famílias e com a vida adulta, conforme explicam os autores Miriam Abramovay (et. Al) (2015).

A renda familiar é um indicador fundamental para compreender as condições de vida dessas jovens. Observa-se que 58,3% das participantes pertencem a famílias com uma renda entre 2 e 4 salários mínimos, o que aponta para um padrão de vida moderado, comum à classe média baixa. Uma minoria (16,7%) tem uma renda superior a 6 salários mínimos, o que lhes garante um nível de vida mais confortável e melhores condições de acesso a oportunidades educacionais. Em conjunto, esses dados indicam um grupo com diversidade socioeconômica, o que pode influenciar diretamente suas aspirações, expectativas de futuro e estratégias de transição para a vida adulta.

O que se vê, então, é o abismo social que separa as adolescentes do século XXI e Carolina Maria. No conforto de seus lares, mesmo que modestos, não se aproximam do local insalubre em que vivia a autora. Essa, sem recursos mínimos de saneamento básico, sobrevivia sonhando com a mudança. Quais são os sonhos dessas jovens que dormem em confortáveis camas, com luz elétrica e chuveiro instalado em suas residências? Será que seus anseios podem ser minimizados diante dos de Carolina Maria? Em que se aproximam e distanciam?

1.2.2 Aproximações e distanciamentos

Ao comparar a realidade das jovens em questão com a de Carolina Maria de Jesus, é possível identificar tanto aproximações quanto distanciamentos significativos. Carolina, através de sua escrita impactante e direta em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), retratou a realidade das mulheres negras e pobres nas periferias do Brasil, onde a marginalização, a falta de acesso à educação e as barreiras sociais limitaram drasticamente o alcance de suas aspirações.

Em contraste, as jovens do século XXI, embora ainda enfrentam barreiras econômicas e sociais, possuem mais oportunidades de educação e estão inseridas em um contexto onde o

acesso à informação e o avanço das tecnologias ampliam as possibilidades de mobilidade social. A obra de Carolina continua sendo relevante para muitas jovens que, embora com mais recursos à disposição, ainda vivem em contextos de desigualdade social e podem se identificar com as dificuldades e angústias expressas pela escritora e, a partir disso, repensarem seus privilégios e construir a (trans) formação.

Mesmo que as desigualdades ainda sejam visíveis, são muito distantes das que são descritas por Carolina Maria, visto que as adolescentes participantes da pesquisa vivem em casas, não em barracos, possuem saneamento básico, utilizam transporte particular ou público para deslocamento, frequentam escolas de boa qualidade, dentre outros. Além disso, a conectividade e as redes sociais permitem às jovens explorar questões de identidade e empoderamento de formas mais amplas e diversas. Enquanto Carolina usava a escrita para expor a realidade invisível das mulheres marginalizadas, as jovens atuais encontram na internet e nas redes sociais ferramentas para expressar suas lutas, buscar apoio e se posicionar socialmente, para além da escrita em um diário. A exposição acerca de suas lutas e militância pode ser dar em tempo real. No caso das jovens dessa investigação, não nos atemos em descobrir essas questões, porque focamos nas subjetividades reveladas em formato de escrita individual, particular, sem exposição social. Destacamos que pelo fato de nos terem autorizado a leitura, a análise e a divulgação de seus textos, pode ter acontecido certa censura e/ou omissão durante a escrita de seus relatos. Por isso é que as pesquisas qualitativas voltadas à área da leitura e da escrita transitam pelo campo do imponderável, mas nem por isso podem ser desacreditadas.

Cabe discutir, ainda, que o contraste entre as realidades de Carolina Maria e as adolescentes da atualidade evidencia que, embora muitos desafios de raça, classe e gênero persistam, as jovens de hoje têm mais meios de expressão e visibilidade do que Carolina teve em sua época. As redes sociais são fortes propagadoras de informações que podem tanto dar visibilidade e auxiliar nas lutas, protestos e ativismos sociais quanto torná-los odiados pelas pessoas. Graças a esse amplo acesso à informação é que a escritora Carolina Maria é hoje uma forte voz que ecoa nas salas de aula do Brasil inteiro, como por exemplo, no IFRS, *Campus Feliz*.

No entanto, esse paralelo entre a realidade de Carolina e a das jovens atuais destaca tanto o progresso em termos de visibilidade e direitos, quanto a permanência de desafios estruturais de desigualdade que ainda precisam ser enfrentados. A luta de Carolina, em muitos aspectos, transcende a sobrevivência, transformando-se em uma voz coletiva para as mulheres que viviam à margem. Sua obra permanece, portanto, um referencial não apenas histórico,

mas pedagógico, para que novas gerações compreendam e reflitam sobre as desigualdades sociais que ainda persistem.

Assim, quando lemos as anotações das estudantes de ensino médio do século XXI, percebemos que seus medos, anseios e reflexões representam seus grupos, a geração de jovens mulheres com maior consciência do significado de ser mulher e dos limitados direitos impostos pelo patriarcado. A diferença está, também, no fato de que a escritora viveu em uma época sem redes sociais e com muito mais preconceito racial e de gênero e que o papel de seu diário era o único meio de desabafo e de crença em um futuro. Já as meninas do século XXI possuem a internet, podem frequentar a escola, podem trabalhar em locais mais salubres, usar métodos contraceptivos e outras modernidades que à Carolina foram negadas.

1.2.3 Impacto e reflexão pessoal a partir da leitura

Acerca das questões mais descritivas que tratam da abordagem sobre a leitura da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), mais especificamente sobre a pergunta “Como você se sente escrevendo a partir do diário de Carolina Maria de Jesus?”, as adolescentes responderam que se sentiram impactados ao refletir sobre suas próprias vidas em relação à dela. As meninas mencionam que a leitura proporcionou a elas uma nova perspectiva, incentivando uma postura empática e um entendimento mais profundo das dificuldades sociais enfrentadas por Carolina. A partir dos relatos, percebemos que a obra, com suas descrições sobre a pobreza e a luta pela sobrevivência, permitiu que as estudantes olhassem para seu próprio cotidiano com uma nova lente, possibilitando o reconhecimento de privilégios que possuem e a se sentirem desconfortáveis ao comparar suas queixas diárias com as dificuldades enfrentadas pela autora.

As estudantes apontam, ainda, sentimentos de reflexão, autoconhecimento e empatia. Dizem que a proposta do diário as leva a um processo de introspecção, no qual percebem que questões cotidianas que, para elas, podem parecer importantes, são vistas de outra forma quando comparadas às dificuldades enfrentadas por Carolina. Esse exercício de escrita também proporciona uma conexão emocional com a autora, quando algumas estudantes se sentiam acolhidas e incentivadas a expressar suas próprias vivências e sentimentos, assim como Carolina fez em seu diário. Esse aspecto aproxima as alunas da autora, embora suas realidades sejam distintas, o ato de escrever e a necessidade de compartilhar experiências são sentimentos universais.

Outro ponto relevante a ser percebido nas respostas às questões é que várias estudantes expressam um senso de privilégio e até mesmo incômodo ao compararem suas vidas com a de Carolina, principalmente, ao reconhecerem que suas dificuldades não são tão dolorosas quanto as enfrentadas pela autora. A obra de Carolina, que relata situações de extrema vulnerabilidade, serve como um espelho que leva as alunas a refletirem sobre as desigualdades sociais que ainda persistem. Essa resposta revela que a proposta da professora da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura daquelas turmas conseguiu atingir um objetivo essencial: a criação de uma consciência crítica e empática entre as estudantes, que são estimuladas a reconhecer as diferenças e semelhanças de suas vivências com as de Carolina.

Como último item do questionário está: “Deixe aqui alguma outra observação que julgar pertinente”. Assim, destacamos as estudantes que escreveram que a leitura e a prática da escrita baseada em Carolina as fez retomar o hábito de escrever informalmente e de uma forma pessoal, o que sentiam falta, devido às demandas acadêmicas formais. Dessa forma, vemos que a obra de Carolina não apenas narra as dificuldades da autora, mas também funciona como um canal de expressão livre, onde ela transcreve sentimentos e pensamentos sem censura. Para algumas alunas, isso parece ter criado uma conexão, pois elas se sentem incentivadas a redescobrir a liberdade na escrita como um processo de autoconhecimento e expressão emocional. Esse aspecto permite que as estudantes se identifiquem com Carolina em um nível mais profundo, aproximando suas experiências às da autora, através da própria prática da escrita.

2.3 A pesquisa bibliográfica e o tratamento dos dados

A pesquisa bibliográfica pode ser entendida como método ou como técnica de pesquisa. Segundo Marconi e Lakatos, a pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias

trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas em imprensa escrita [documentos eletrônicos]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações. (Marconi e Lakatos, 2001, p. 33-34)

Todas as pesquisas científicas passam por uma fase, em geral, denominada como revisão bibliográfica que se utiliza dessa técnica. Entretanto, alguns estudos são feitos exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (Gil, 2002); essa técnica é fundamental e

sempre muito utilizada, porque além de poder ser validada como técnica exclusiva é também complementar a outras técnicas.

A pesquisa bibliográfica segue as etapas compreendidas como: identificação (no caso desta pesquisa, identificamos a autora Carolina Maria de Jesus e sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*), realização da busca (pesquisa sobre a autora em repositórios de universidades, livros e revistas eletrônicas) e fichamento (leitura, compreensão e seleção de trechos fundamentais).

Feita a organização dos dados e de posse deles, é hora de analisá-los. Esse momento é o núcleo central da pesquisa. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a importância dos dados não está em si mesmos, mas na possibilidade de que eles sejam capazes de dar respostas ao problema de pesquisa que elaboramos. Agora, os dados coletados serão descritos, relacionados e interpretados com base em outros estudos que tivemos acesso a partir da revisão bibliográfica e também de teorias. Os dados coletados podem também ser relacionados com os chamados dados secundários, isto é, aqueles de outras fontes como os obtidos através de dados do IBGE, do censo populacional, entre outros. (Marconi; Lakatos, 2003)

Para os dados qualitativos também se aplica a necessidade de não apenas apresentá-los, mas de analisá-los com base na revisão bibliográfica e nas teorias estudadas. Uma das possibilidades de análise é através da técnica de análise de conteúdo, que é uma técnica de tratamento de dados que objetiva identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema. Conforme Bardin (2009), essa técnica visa obter através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo as mensagens ou indicadores que permitam compreender seu sentido e as condições de produção/recepção dessas mensagens. No caso dessa pesquisa aqui descrita, organizamos com base nas categorias de análise assim determinadas: 1. Apresentação da autora Carolina Maria de Jesus e do contexto de produção da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 2. Discussão sobre o gênero diário e a importância dessa escrita para o acesso às subjetividades. 3. Aproximações e distanciamentos entre as escolhas linguísticas e os assuntos/temas sobre os quais escreveram Carolina Maria de Jesus e as estudantes do ensino médio de escola pública do Rio Grande do Sul.

Por fim, cabe termos presente que as técnicas de análise são indutivas, orientadas pelo processo, e os resultados não são generalizáveis. O que encontramos a partir da análise são resultados que não podem ser mensurados numericamente, mas que trazem, através das marcas textuais elaboradas pelas participantes e analisadas por nós, o impacto da obra da escritora negra e catadora de papel na vida de jovens estudantes do século XXI.

3 CAROLINA MARIA DE JESUS E A ESCRITA FEMININA NEGRA

3.1 A mulher e mãe

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher negra, migrante, nascida em Sacramento, Minas Gerais, em 14 de março de 1914. Criada sob os cuidados de sua mãe até atingir a idade de aproximadamente quatorze anos, iniciou sua breve trajetória educacional na esfera de uma instituição de cunho espiritual, o Colégio Allan Kardec, lugar que cursou até o segundo ano do ensino fundamental. Posteriormente, Carolina Maria de Jesus embarcou rumo à cidade de Franca, situada no interior do estado de São Paulo, onde trabalhou, arduamente, como empregada doméstica. Contudo, após o falecimento de sua mãe e sua subsequente demissão, ocasionada pela falta de interesse de seus empregadores devido à sua gravidez, Carolina se viu desamparada. Essa conjuntura levou-a a mudar-se para a favela do Canindé, situada às margens do rio Tietê.

Em 1948, Carolina dá à luz seu primogênito, João José de Jesus, fruto de um breve envolvimento com um marinheiro português que a abandonou logo após o nascimento do bebê. Diante da falta de oportunidades de trabalho e da escassez de recursos para garantir o sustento próprio e de seu filho, Carolina opta por coletar papel e latas para vendê-los, visando assegurar o sustento de ambos.

Carolina Maria de Jesus, com muito trabalho e suor, edificou seu barraco, feito de restos de materiais como madeiras, caixotes, lonas e panos encontrados nas ruas de São Paulo. Em 1950 nasceu seu segundo filho, José Carlos de Jesus, também fruto de um breve relacionamento com um espanhol, que também a abandonou. Alguns anos depois, nasceu seu terceiro filho, uma menina, Vera Eunice. Da mesma forma, Carolina fora abandonada novamente, como acontecera nos relacionamentos anteriores.

Ela sempre foi sinônimo de resiliência, força e determinação, principalmente quando se tratava de assegurar o sustento de seus três filhos, pois não tinha nenhum apoio por parte dos homens com os quais se relacionou. Carolina evidencia estas características através de sua escrita objetiva e rica em subjetividade, quando diz: "(...) Eu enfrento qualquer tipo de trabalho para sustentá-los" (Jesus, 2014, p. 17).

A atividade diária de Carolina consistia em coletar resíduos e dedicar-se à escrita. Além de buscar alimentos, vestuário, calçados e itens domésticos descartados, ela também

recolhia e preservava papéis, cadernos e livros, com o propósito de utilizar sua escrita como meio de transcender a realidade da favela, em busca de uma vida melhor. Carolina Maria de Jesus deixou uma marca indelével na história do Brasil, não somente como escritora, mas também como um emblema de resistência e enfrentamento das disparidades sociais. Criada em um ambiente de profunda carência e privações, ela enfrentou desde cedo uma série de dificuldades financeiras. Além de desempenhar o papel de catadora de papel para prover o sustento de sua família, Carolina também se dedicou à escrita, registrando em seu diário não apenas os desafios do dia a dia na favela, mas também suas reflexões sobre os problemas sociais e políticos que permeiam sua vida.

3.2 A mulher escritora negra

O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) conquistou um lugar de destaque nas prateleiras e no coração do público, transformando-se em um fenômeno literário que ultrapassou fronteiras, sendo traduzido para mais de treze idiomas e encantando leitores em todo o mundo. Essa obra não apenas cativou pela sua narrativa visceral e autenticidade, mas também despertou uma reflexão profunda sobre as condições de vida nas favelas brasileiras e as injustiças sociais que assolavam a população marginalizada.

Apesar do reconhecimento internacional e do impacto cultural de sua obra, Carolina Maria de Jesus enfrentou obstáculos e críticas, principalmente por parte da elite intelectual brasileira da época, que muitas vezes não compreendia a realidade retratada em seus escritos. No entanto, seu legado transcendeu as críticas e continua a inspirar escritores e estudantes a enfrentar e debater as desigualdades sociais, em busca de um mundo mais justo e igualitário.

Carolina Maria de Jesus faleceu em 13 de fevereiro de 1977, mas sua presença permanece viva em sua obra e em seu exemplo, que ecoam como um poderoso testemunho da resiliência humana e da capacidade de superar as adversidades. Seu legado continua a inspirar e motivar gerações a lutar por um futuro melhor, onde todos tenham igualdade de oportunidades e dignidade.

Carolina Maria de Jesus representa uma forma ímpar de escrita que entrelaça a sua vida cotidiana com uma análise crítica e poética das condições sociais ao seu redor. Sua escrita não é apenas um relato legítimo dos acontecimentos diários, mas uma análise profunda sobre todos os tipos de maus-tratos, injustiças e degradações sofridas pela mulher negra e pobre. Carolina demonstra através da palavra a sua luta diária para sobreviver e encontrar esperança em um lugar hostil.

Conceição Evaristo, uma importante escritora e intelectual brasileira, toma a palavra escrevivência para conceituar a prática de escrever a partir de sua própria experiência de vida, especialmente no contexto das mulheres negras. Nesse sentido, Evaristo diz que “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, e sim para acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 31). De acordo com a autora, então,

a escrevivência é uma forma de resistência e afirmação da identidade, onde a escrita não é apenas um relato, mas um testemunho que carrega a marca das vivências pessoais e coletivas de quem escreve. Ela enfatiza que essa forma de escrita tem um forte componente de denúncia e um compromisso profundo com a memória e a verdade histórica dos marginalizados. (Evaristo, 2020, p.31)

Sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus, Evaristo (2020) destaca a importância da obra por reproduzir uma escrita fiel, uma escrita de si; ressalta ainda que Carolina é considerada uma pioneira na arte de transformar suas vivências em um testemunho poderoso que denuncia as injustiças sociais; que através de seu diário, não apenas registra os fatos de sua vida, mas também analisa criticamente as condições opressivas enfrentadas pela mulher. Aponta, ainda, que Carolina Maria de Jesus, com sua escrita direta e visceral, conseguiu dar voz a uma parcela da população que muitas vezes é silenciada. Afirma que seus testemunhos são uma prova concreta da força e da resiliência das mulheres negras, que utilizam a escrita como uma ferramenta de luta e reivindicação de direitos. Essa escrevivência de Carolina Maria de Jesus, portanto, é vista como um legado poderoso que continua a inspirar e a influenciar as gerações seguintes de escritores e leitores, especialmente no que diz respeito à importância de narrar e valorizar as histórias de vida das pessoas negras e marginalizadas.

Como resultado desse movimento de promover a diversidade e inclusão na academia, a pesquisadora Aryeli de Oliveira da Costa Ortiz (2024) inspirada por leituras críticas e incentivada por professores e professoras que possuem um olhar atento a esses assuntos, ressalta, por meio de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e, posteriormente, em artigo acadêmico a importância da literatura negra produzida por mulheres no Brasil, que permanece subvalorizada no ambiente acadêmico. Sua pesquisa destaca a necessidade urgente de reconhecer e valorizar essas vozes literárias, que trazem à tona narrativas de resistência e identidade cultural, muitas vezes invisibilizadas pelo cânone literário tradicional.

Nesse sentido, as pesquisadoras Alves e Ortiz (2024) discutem a escrita de diários como uma potente ferramenta de denúncia social e um meio de dar visibilidade às vozes das mulheres negras, permitindo que elas sejam protagonistas de suas próprias histórias. Através da análise da obra *Minha Carne* (2021), de Preta Ferreira, as autoras exploram como o diário

da então detenta, seguindo a tradição da escrivivência de Carolina Maria de Jesus, se instala como uma voz representativa das lutas das mulheres negras, utilizando a literatura como instrumento de combate às múltiplas formas de opressão. Esse trabalho estabelece um diálogo com teóricos contemporâneos que discutem racismo estrutural, violência e questões de gênero, ampliando e aprofundando o legado deixado por Carolina Maria de Jesus ao integrar novas perspectivas críticas sobre a experiência negra no Brasil.

Ao examinar os escritos de Carolina Maria de Jesus, somos imediatamente impactados pela franqueza e pela profundidade emocional que permeiam sua obra. Sua abordagem direta, contudo, é impregnada de uma sensibilidade que revela uma visão complexa e multifacetada do mundo. Através de sua escrita, Carolina afirma sua existência e sua resistência diante das adversidades que enfrenta. Ela traduz a realidade que a cerca com uma fusão de esperança e desilusão, capturando a essência da favela e de seus moradores com uma subjetividade marcante. Este espaço, ao mesmo tempo que representa sofrimento e carência, é também um cenário de resistência e solidariedade.

As descrições feitas pela autora de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) revelam como as minúcias da vida diária, por mais simples que sejam, têm o poder de iluminar a existência dos moradores. As citações a seguir demonstram a maneira pela qual Carolina expressa suas experiências, mantendo uma autenticidade que preserva a forma como suas palavras foram originalmente registradas. Esses trechos não apenas destacam a urgência e a sinceridade de sua voz, mas também ilustram como ela utiliza a escrita como um meio de resistência e reflexão, oferecendo um testemunho vívido e comprometido com a realidade que ela vivencia. É um testemunho visceral de sua vida na favela e a sua persistente busca por dignidade e esperança.

6 de maio [...] eu estava inspirada e os versos eram bonitos [...] o que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera fome. E preciso conhecer a fome para saber descrevê-la. [...]

10 de maio [...] o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças. (Jesus, 2014, p.29)

27 de julho [...]Viso comprar um terreno para eu sair da favela. Às vezes, eu fecho os olhos e sonho com uma vida diferente, longe desse lugar. Sonho com um lar onde eu possa viver com dignidade e onde as crianças tenham um futuro melhor. (Jesus, 2014, p.27)

Carolina retrata os seus vizinhos com um olhar crítico e ao mesmo tempo empático, procurando sempre uma justificativa plausível para determinados comportamentos. Interpretar

e relacionar esse olhar diferenciado de Carolina, com fato de que ela dispõe de uma preocupação e afetividade tão ricas quanto a de um professor, que zela pelos seus alunos, demonstrando compreensão das circunstâncias que o levam a fazer determinados atos. “[...] Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros.” (Jesus, 2014, p.36)

Esse olhar atento e diferenciado é enriquecido pela teoria da literatura engajada e comprometida com as condições sociais, como preconiza Antonio Candido (1998), em seu ensaio “O Direito à Literatura”. Neste célebre artigo, o pesquisador defende que a literatura deve refletir as realidades sociais e contribuir para a conscientização e transformação social. Essa característica presente no texto da autora Carolina Maria de Jesus é, então, a representação da arte da palavra que move e co-move os leitores, como define Jorge Larrosa (2004).

A obra da autora possibilita refletir sobre a vida através dos apontamentos diários que questionam, que instigam e que perturbam os leitores. *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* (2014) faz com que os leitores de hoje se coloquem no lugar de quem escreve e também de quem ouve o relato. Essa perspectiva vai ao encontro do que Candido (1998) afirma sobre a literatura ter o poder de abrir possibilidades e direcionar os pensamentos em prol da percepção crítica. Nesse sentido, o autor argumenta que as instituições sociais e as estruturas de poder influenciam profundamente a vida dos indivíduos. Então, no caso de Carolina Maria de Jesus, a estrutura social que a oprime enquanto mulher preta, mãe solo e trabalhadora informal não lhe oportuniza outra saída a não ser resistir através da escrita. Seu diário se transforma, então, na pura expressão e manifestação de uma subjetividade sufocada por uma estrutura social patriarcal branca.

Uma palavra que é tema circundante no texto de Carolina é a fome. Por diversas vezes surge esse vocábulo em seu diário e soa aos leitores de todos os tempos como a maior urgência de uma mãe diante do desespero de seus filhos. Contudo, conforme avançamos no texto, esse verbete torna-se uma grande metáfora para descrever diversas situações e demandas das muitas Carolinas daquela e desta época. Trata-se, então, não somente da fome que aperta o estômago, que deixa as pernas bambas e a visão turva, mas a fome que reverbera o sentimento de abandono, desesperança e o desalento de se encontrar naquela situação sufocante.

A fome é tão presente na vida e no diário de Carolina que ganha um espaço, como se fosse um corpo que tem cor ou um personagem que habita seu barraco. Por vezes é caracterizado como protagonista que conduz suas ações, ora a desanima, ora faz barulho para

que ela se mova e busque força para seguir em frente, suas emoções e sentimentos se manifestam como o anseio de reconhecimento, de seus direitos básicos, de dignidade e acima de tudo respeito.

O diário de Carolina traz várias passagens sobre a fome que, conforme descrita por Carolina Maria de Jesus no diário, é um estado de privação severa e constante que transcende a mera falta de alimento físico. Ela é apresentada como uma dor onipresente que afeta não apenas o corpo, mas também a dignidade e o bem-estar psicológico dos indivíduos. A fome é descrita como uma experiência que intensifica a sensação de desamparo e exclusão social, refletindo a luta diária para a sobrevivência em condições adversas que se apresenta de diversas formas na sua escrita testemunhal

13 de maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim [...] pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. É o dia da abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. [...] E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual a fome! (Jesus, 2014, p. 30)

21 de maio. Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (Jesus, 2014, p. 42)

Na passagem datada de 21 de maio, evidencia-se que a fome transcende a mera condição física e invade até os momentos de descanso de Carolina Maria de Jesus. Esse estado de privação não apenas subsiste como uma angústia constante, mas também emerge como uma força propulsora que intensifica seu anseio de fuga do ambiente opressivo que a autora descreve como o "quarto de lixo dos ricos"(Jesus, 2014, p.42). Assim, a fome, neste contexto, não apenas se entrelaça com sua prática de escrita, mas também amplifica a urgência e a profundidade de sua busca por uma existência digna e libertadora, como no trecho: “7 de junho. Os meninos tomaram café e foram a aula. Eles estão tão alegres porque hoje teve café. Só quem passa fome é que dá valor a comida” (Jesus, 2014, p. 53).

Os dias se sucedem, o diário se torna uma obra rica em registros rotineiros de tristeza, fome, críticas sociais, resiliência e muita luta. Assim, *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus (2014), expõe de forma pungente sua trajetória como

mãe solo, que luta incessantemente nas ruas para prover o sustento de seus filhos. Sua relação com eles é profundamente marcada por uma combinação de batalha diária, respeito mútuo e um amor inabalável, que se desdobra nas páginas de seu diário. Nas madrugadas solitárias, Carolina é consumida pela angústia ao pensar no que seus filhos terão para comer no dia seguinte, demonstrando uma preocupação incessante com o futuro que lhes aguarda.

Imersa nessa realidade crua e desafiadora, Carolina vivencia de maneira intensa a exclusão social que recai sobre ela e seus filhos, uma exclusão acentuada pelo estigma racial. Em sua escrita, a maternidade é retratada como um estado contínuo de ansiedade e cuidado, onde o afeto profundo e a determinação inflexível se entrelaçam para guiá-los em meio às adversidades cotidianas. Como leitores, somos convidados a perceber o equilíbrio delicado entre o carinho e a firmeza com que Carolina conduz seus filhos, resistindo à brutalidade da vida na favela com uma resiliência que é, ao mesmo tempo, inspiradora e comovente. As citações que se seguem aprofundam essa compreensão, revelando a luta diária de Carolina e a intensidade com que ela narra sua realidade, tornando-se uma voz autêntica e urgente contra a marginalização e a pobreza.

18 de julho de 1955. [...] comprei pão, leite, paguei o que devia e reservei dinheiro para comprar Licor de cacau para Vera Eunice. Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou imprecisar com ele. Saiu com um pau para espancá-lo. Que os meus filhos são mal iducados. Mas eu não encontro defeito nas crianças. Nem nos meus nem nos dela. Sei que criança não nasce com senso. Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis. [...]Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. (Jesus, 2014, p. 15-16).

20 de julho de 1955. Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não têm ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar”. (Jesus, 2014, p. 22).

A maternidade solo exige de Carolina a representação de todos os papéis familiares. Ela enfatiza a importância da educação, insistindo que seus filhos frequentem a escola, o que representa um ato de resistência e uma oportunidade para a ascensão social.

3.3 A escrita pedagógica de Carolina Maria

Carolina Maria de Jesus possui um viés pedagógico em sua narrativa, abordando as dificuldades enfrentadas na favela e discutindo questões políticas, econômicas e culturais. Para ela, a educação é a chave para resolver os desafios existenciais. Assim, não é possível deixar de relacionar esta defesa de Carolina às pesquisas de Paulo Freire (2019), que defende

que as mudanças estruturais requerem a denúncia das condições desumanas e a busca por sua superação, refletindo o sonho coletivo de um futuro melhor.

O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiências feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo de *leitura do mundo*, que precede sempre a *leitura da palavra*. (Freire, 2019, p. 79)

A atitude de Carolina Maria de Jesus ao enfatizar a importância da educação e ser insistente em sua escrita para que seus filhos frequentem a escola representa um ato de resistência contra a exclusão social ao mesmo tempo em que se abre para as oportunidades de ascensão. Sua escrita, reflete seu entendimento de que o conhecimento é uma poderosa ferramenta de transformação. A narrativa de Carolina não apenas relata as dificuldades enfrentadas na favela, mas também adota um viés pedagógico, discutindo questões políticas, econômicas e culturais com uma profundidade que revela seu compromisso com a educação como um caminho para a emancipação pessoal e coletiva, conforme destacamos anteriormente. Nesse sentido, a abordagem de Carolina Maria de Jesus se alinha de maneira significativa com a visão de Paulo Freire, que enxerga na educação um processo de conscientização e transformação social. Freire (2019) defende que a verdadeira educação deve partir do reconhecimento do saber popular, das experiências e percepções dos indivíduos sobre o mundo ao seu redor. Essa perspectiva é evidente na prática pedagógica implícita de Carolina, que, apesar de não ter formação ideal, utiliza sua escrita como um manual sobre a realidade da favela, revelando uma leitura crítica do mundo que precede a leitura da palavra, conforme descrito por Freire.

A conhecida expressão de Paulo Freire, "que a leitura do mundo precede a leitura da palavra"(2019, p. 79), refere-se à ideia de que a compreensão do mundo e das experiências de vida de uma pessoa vem antes da habilidade formal de ler e escrever. Em outras palavras, antes de aprender a ler e escrever palavras em um sentido literal, os indivíduos já fazem uma leitura do mundo através de suas experiências diárias, suas interações sociais e seu entendimento do ambiente ao seu redor.

Freire (2019) argumenta que essa leitura do mundo é fundamental para o processo educativo porque ela forma a base sobre a qual a alfabetização e o aprendizado formal devem ser construídos. O reconhecimento das experiências e percepções pré-existentes assimiladas é essencial para uma educação que visa ser crítica e emancipadora. Essa abordagem respeita o

conhecimento que os indivíduos já possuem e utiliza esse conhecimento como ponto de partida para desenvolver novas habilidades e expandir a compreensão.

A conexão entre Carolina Maria de Jesus e Paulo Freire reside na compreensão de que a educação é um ato de resistência e transformação. Para Freire (2019), a mudança social exige tanto a denúncia das condições desumanas quanto a busca pela superação dessas condições, um processo que reflete nosso sonho coletivo de um futuro melhor. Carolina, ao enfatizar a importância da educação e ao lutar pela escolarização de seus filhos, também encarna essa pedagogia de resistência e esperança. Sua obra se torna, assim, uma forma de conscientização e um convite à ação para superar a marginalização e alcançar um futuro mais justo e digno.

Carolina Maria de Jesus e Paulo Freire compartilham uma visão crítica sobre a importância da educação como instrumento de mudança social e pessoal. Enquanto Freire (2019) enfatiza a necessidade de reconhecer e valorizar o saber prévio das pessoas para construir uma prática educativa transformadora, Carolina demonstra, através de sua própria vida e escrita, como o acesso ao conhecimento pode ser uma forma de resistência à opressão e à exclusão social.

Como mãe solo, ela se vê responsável não apenas por prover o sustento material de seus filhos, mas também por assegurar que eles tenham acesso à educação, vendo nisso uma oportunidade de romper o ciclo de pobreza e marginalização que a favela impõe. Essa insistência na escolarização e no aprendizado, mesmo em meio às dificuldades extremas, reflete seu entendimento intuitivo do poder emancipador da educação, alinhando-se com a visão freiriana de que a verdadeira liberdade começa pelo conhecimento.

Além disso, a escrita de Carolina Maria de Jesus pode ser vista como uma prática pedagógica em si mesma, uma vez que ela utiliza seu diário para documentar e refletir sobre as condições de vida na favela, educando seus leitores sobre as realidades de exclusão e resistência enfrentadas pelos pobres urbanos. Ao registrar suas próprias experiências e as de seus vizinhos, Carolina cria uma narrativa que serve como um espelho da sociedade brasileira, questionando as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade. Assim como Freire (2019) propõe que a educação deve partir da leitura do mundo para criar uma consciência crítica, Carolina oferece, por meio de sua obra, uma leitura crua e direta do mundo que habita, convidando seus leitores a refletirem sobre as injustiças e a se engajarem na busca por transformações sociais. Sua abordagem pedagógica implícita, ao desafiar estereótipos e preconceitos, contribui para a construção de um entendimento mais profundo e empático das lutas cotidianas da população marginalizada.

A subjetividade de Carolina Maria de Jesus é um elemento central que permeia toda a sua obra, tornando seu diário uma narrativa profundamente pessoal e socialmente relevante. Sua busca incessante por dignidade e reconhecimento ressoa ao longo de suas páginas, espaço que ela relata enfrentar diariamente o desafio de ser vista e valorizada em um mundo que na maioria das vezes a marginaliza.

A escrita de Carolina não apenas afirma sua existência, mas também reivindica um espaço legítimo para si mesma na sociedade. Para além disso, ganha extrema relevância pelo fato de abrir portas para muitas outras mulheres pretas que vieram depois dela, como por exemplo: Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Preta Ferreira entre outras.

A pesquisadora francesa Michelle Perrot (1992) ao abordar questões acerca da identidade cultural, destaca a importância da representação e do reconhecimento para os grupos marginalizados. Carolina Maria de Jesus personifica esses conceitos, dando voz às suas experiências e às experiências daqueles ao seu redor. Suas reflexões proporcionam uma visão crítica e perspicaz das dinâmicas sociais e emocionais das comunidades marginalizadas.

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas se afirmam presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência - à hierarquia, à disciplina - que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história. (Perrot, 1992, p. 212)

Ao desafiar os leitores a confrontar as realidades da pobreza, do racismo e da desigualdade, Carolina Maria de Jesus celebra a resiliência e a força dos indivíduos que vivem à margem da sociedade. Sua subjetividade, capturada de maneira vívida em sua escrita, permanece como um testemunho poderoso da capacidade humana de encontrar significado e dignidade mesmo nas circunstâncias mais adversas.

4 O GÊNERO DIÁRIO

De acordo com os estudos de Andrade e Cunha (2016), as pesquisas sobre os gêneros textuais têm suas raízes na Era Clássica, com Aristóteles e Platão, que se dedicaram à Poética e à Retórica, estabelecendo as bases para a análise das formas de linguagem. De acordo com Brait (2005), foi na prosa comunicativa literária da época de Aristóteles que surgiram novos modelos para investigar as formas interativas da linguagem, destacando a importância da teoria dos gêneros na literatura.

A tradição do diário é uma jornada que se estende por séculos, oferecendo um espelho da alma e um registro da história. Desde os tempos antigos, o diário tem servido não apenas como um espaço de confissão pessoal, mas também como um testemunho dos eventos que moldaram a humanidade.

Entre os primeiros e mais marcantes exemplos está o imperador romano Marco Aurélio, cuja obra *Meditações* (2002) oferece um mergulho profundo na mente de um governante filosófico. Seus escritos, originalmente privados e despretensiosos, revelam a busca incessante por sabedoria e equilíbrio emocional, fundamentada na prática do estoicismo. Aqui, o diário não é apenas um registro, mas uma exploração contínua do eu interior e do controle das próprias emoções.

Já no século XVII, Samuel Pepys nos presenteia com um diário que transcende o pessoal para se tornar uma crônica vibrante da vida londrina de sua época. Seus relatos, que vão desde o Grande Incêndio de Londres a uma devastadora epidemia de peste, não apenas documentam eventos históricos significativos, mas também nos permitem sentir a intensidade e a urgência da vida cotidiana daquele período. O diário de Pepys transforma o cotidiano em um campo de observação histórica e social.

Avançando para o século XX, encontramos Anne Frank, onde em *Diário de uma Jovem* (1995), a autora captura a dor e a esperança de uma adolescente escondida durante o Holocausto. A escrita de Anne Frank, marcada pela simplicidade e pela profundidade, revela um testemunho íntimo e doloroso das atrocidades e da resistência humana diante da opressão. A universalidade de sua experiência e a sinceridade de suas palavras conferem ao seu diário uma força emocional e histórica que ressoa profundamente até hoje.

Esses exemplos, com suas diferentes abordagens e contextos, ilustram a evolução do gênero diário. No século XX, o diário tornou-se também um veículo para as vozes de autores marginalizados, como Carolina Maria de Jesus. Seus escritos não apenas narram a vida nas

favelas, mas também desafiam as normas e expandem as fronteiras do gênero, trazendo à luz experiências antes invisibilizadas e oferecendo uma crítica social poderosa.

No século XX, Bakhtin (2003) ampliou essa perspectiva ao focar nas relações interativas e nos processos produtivos da linguagem, distantes da abordagem aristotélica. Para o pesquisador russo, os gêneros discursivos são definidos pela escolha do falante em função de diversos fatores contextuais e objetivos comunicativos, refletindo a intencionalidade e a subjetividade na prática discursiva. Essas definições de Bakhtin (2003) contribuem no campo dos estudos da linguagem no século XX, enfatizando seu distanciamento das concepções tradicionais aristotélicas. Enquanto a abordagem aristotélica priorizava uma visão formal e estática da linguagem, o autor propôs uma visão mais dinâmica e interativa.

Nesse sentido, para Bakhtin (2003) os gêneros discursivos não são formas fixas, mas construções determinadas pela interação entre o falante e o contexto social e comunicativo em que se insere. Assim, o autor argumenta que a escolha do gênero discursivo pelo falante depende de uma série de fatores, como o propósito da comunicação, a relação entre os interlocutores, o meio pelo qual a mensagem é transmitida e as normas sociais que regem aquele tipo de discurso. Isso significa que os gêneros discursivos são moldados pelas circunstâncias e pelas intenções de quem fala, o que torna a linguagem flexível e adaptável a diferentes contextos.

Assim, a perspectiva de Bakhtin (2003) que se alinha ao papel do diálogo e da interação social na produção e compreensão dos discursos, é especialmente relevante quando aplicada ao gênero diário. Os diários, como registros pessoais, refletem uma comunicação que, embora aparentemente privada, é moldada por fatores sociais e históricos que influenciam tanto o conteúdo quanto a forma. O ato de escrever um diário não é simplesmente uma atividade individual e isolada, mas envolve a escolha de uma linguagem e de um estilo que dialoga com o contexto em que o autor está inserido.

No caso de Carolina Maria de Jesus, por exemplo, seu diário não é apenas um relato íntimo de sua vida na favela, mas também um discurso permeado por interações sociais, pelas tensões de sua posição marginalizada e pelo desejo de se comunicar. Seu testemunho é influenciado não somente por suas experiências pessoais, mas também pelos aspectos históricos e sociais que cercam a sua vida e a vida das pessoas com quem convive. Assim, o gênero diário, ao refletir essa complexa rede de fatores situacionais e históricos, exemplifica a visão de Bakhtin (2003) de que os gêneros discursivos são profundamente marcados pelas condições contextuais de sua produção. Essa ampliação conceitual, então, permite a análise

das manifestações discursivas contemporâneas em meios de comunicação das mais diversas formas.

4.1 O diário de Carolina Maria de Jesus e a escrita de si

Como temos discutido até aqui, o gênero diário representa, então, uma possibilidade de expressão da subjetividade do autor. Nesse sentido, voltamos o olhar agora para os escritos que revelam esses aspectos tão peculiares e particulares do universo pessoal, e ao mesmo tempo de uma coletividade, que estão presentes na obra da escritora Carolina Maria de Jesus. Enquanto figura feminina, mulher lutadora e combatente de uma dura realidade, é também autora de uma obra que ilumina aspectos profundos e relevantes desse gênero. Além disso, seus escritos também buscam apresentar, por meio de sustentação teórica, definição e funcionalidade do gênero textual - diário. Para tanto, cabe destacar que, para Bakhtin,

Os diários são ora confessionais, ora biográficos: são confessionais todos os diários tardios de Tolstói [...] Entendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida. (Bakhtin, 2003, p. 138 e 139)

Nesse sentido, o diário é um gênero textual que se caracteriza pela sua ampla gama de temas e pela variabilidade que reflete a vivência pessoal de cada autor. Em sua essência, o diário proporciona um espaço íntimo onde o escritor revela seus pensamentos, emoções e segredos.

A escolha de uma abordagem direta de expressão ou a criação de um interlocutor fictício são comuns nesse gênero. Frequentemente, o uso de vocativos como “meu querido diário” ou a tomada de nomes fictícios, masculinos ou femininos, acentua o tom de intimidade e confere uma personificação ao diário. Nesse sentido, o suporte para a escrita do diário pode variar amplamente, incluindo tanto cadernos físicos quanto arquivos digitais, adaptando-se às preferências e necessidades do autor. A linguagem utilizada geralmente é informal, embora possa variar entre o coloquial e o culto, conforme o estilo do escritor e a finalidade do registro.

A estrutura do diário geralmente inclui a data, que indica o momento em que o registro foi feito. Embora o vocativo seja opcional, ele pode servir para saudações que aumentam a sensação de intimidade. O corpo principal do diário é dedicado ao relato de experiências,

pensamentos, reflexões e anotações do autor. A assinatura também é opcional, podendo ser usada para personalizar ainda mais o registro.

Outro autor que respalda nossa pesquisa acerca dos gêneros discursivos é o linguista Luiz Antônio Marcuschi, que em sua obra *Gêneros Textuais e Ensino (2003)*, explica que os gêneros textuais configuram-se como formas de ação linguística situadas e utilizadas pelos indivíduos para realizar atividades comunicativas em diferentes contextos sociais. O diário, como um desses gêneros, caracteriza-se por ser predominantemente autobiográfico, no qual o sujeito narra eventos cotidianos, reflexões pessoais e impressões íntimas, muitas vezes de forma cronológica. Sua função não se limita apenas ao registro de fatos, mas também à construção da identidade do sujeito que, ao escrever, dialoga consigo mesmo e com suas vivências.

Por conseguinte, Marcuschi (2003), acrescenta que gêneros textuais são dinâmicos e adaptam-se às necessidades comunicativas e aos contextos de uso. No caso do diário, sua especificidade reside no caráter pessoal e subjetivo, uma vez que reflete o eu do autor em um diálogo interno.

Outro elemento a destacar é que o diário pode ser escrito com a intenção de ser um documento privado ou, eventualmente, ser destinado à publicação, sem que isso altere sua essência de uma escrita intimista. Esse gênero estabelece uma relação direta com o tempo e com as experiências do sujeito, oferecendo uma via para a reflexão sobre a forma como o indivíduo se percebe e se posiciona no mundo.

Além disso, Marcuschi (2003) dispõe que o ensino de gêneros textuais como o diário no ambiente escolar possibilita o desenvolvimento de competências discursivas que favorecem a expressão da subjetividade e a organização de narrativas temporais. Trabalhar com esse gênero oferece ao aluno uma oportunidade valiosa para refletir sobre as práticas de escrita e as relações entre texto, autor e contexto social. Desse modo, o diário não se restringe a ser um mero registro de experiências diárias; ele também exerce um papel significativo no aprimoramento da escrita pessoal e na promoção de um pensamento reflexivo.

Tais afirmações vão ao encontro de nossa pesquisa, que busca analisar de que maneira a escrita de Carolina Maria de Jesus, na obra *Quarto de despejo: o diário de uma favelada (2014)* estabelece diálogo com adolescentes mulheres do século XXI, especialmente no que diz respeito à expressão de subjetividades e à vivência das desigualdades sociais. A escrita diarística de Carolina, marcada por uma intensa reflexão sobre a pobreza, o racismo e a exclusão social, transcende seu tempo e ecoa nas experiências de mulheres contemporâneas, particularmente entre as mais jovens. Desse modo, o diário torna-se, para essas mulheres, um

espaço de empoderamento e de construção de suas identidades, onde, tal como Carolina, podem articular suas vozes e experiências, estabelecendo pontes entre o passado e o presente.

O ato de escrever de Carolina Maria de Jesus é tecido pela alteridade, pois ela percorre um caminho de leitura e escrita a partir do outro e tece uma nova escrita, o seu diário - a escrita de si - a escrita do eu - essa alinhavada de tantas outras - o outramento, como define Machado (2004). Ela narra os acontecimentos e fatos daquilo que lê e percebe, toma para si o que lhe é significativo e produz uma escrita ímpar, de vivências e herança intelectual que faz movimentos e indagações.

Além da função reflexiva, o diário também desempenha um papel social na preservação da memória e na documentação de eventos significativos. Georges Gusdorf (1980) observa que o diário ajuda a fixar a memória individual e a construir uma narrativa contínua. Em *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada* (2014), Carolina de Jesus oferece um testemunho detalhado da vida cotidiana nas favelas, criando um registro poderoso das dificuldades e da resiliência em um contexto de marginalização e pobreza. Assim, reitera-se que o diário também pode servir como um meio de expressão criativa e social. A escrita de Carolina de Jesus vai além da simples narrativa pessoal e se transforma em um ato de resistência e protesto social. Sua obra não apenas documenta suas experiências, mas também utiliza a escrita como uma forma de denúncia social, evidenciando a luta por dignidade e justiça.

O diário de Carolina de Jesus aproxima-se de nós de maneira singular, convidando-nos a refletir sobre a própria história e a de pessoas queridas, ao mesmo tempo que nos faz ponderar sobre a condição humana. Sua obra não apenas documenta a experiência cotidiana, mas também nos proporciona uma profunda compreensão das lutas e aspirações de uma vida em situação de vulnerabilidade.

A escrita de Carolina de Jesus, com sua capacidade de capturar e refletir sobre as experiências pessoais e sociais, torna-se um objeto de estudo inestimável. A análise de sua obra revela a importância do diário não apenas como uma forma de expressão pessoal, mas também como um veículo de crítica social. O trabalho de Carolina amplia nossa compreensão sobre a vida nas favelas e a incessante busca por dignidade, solidificando sua relevância tanto na literatura quanto na sociedade.

4.2 A autora Carolina Maria de Jesus e o diário na literatura contemporânea: busca pela aceitação

A obra *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus, é composta por aproximadamente 20 diários escritos pela escritora catadora, entre 15 de julho de 1955 e 1 de janeiro de 1960. Antes da publicação de sua obra, em 1960, Carolina era uma anônima residente da favela de Canindé, em São Paulo.

A edição e publicação do livro foram realizadas por Audálio Dantas, um jornalista que visitou a comunidade e se interessou pela história de Carolina. Inicialmente, houve uma luta significativa para que a obra fosse reconhecida como literatura, uma vez que vários críticos a consideravam apenas como literatura marginal. No entanto, precisou que a academia a reconhecesse para então, ganhar o lugar que merece. Isso porque o texto da autora ganhou evidência pelo fato de ter sido incluído em listas de leitura para vestibulares de instituições renomadas como a Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e a UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), além de ter sido abordada em questões do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio).

A obra se distingue pela sua abordagem crua e realista da pobreza extrema, da discriminação racial e de gênero, e das severas condições de vida nas favelas brasileiras. Carolina expressa, através de seus escritos, suas opiniões sobre política, sociedade e os eventos diários que testemunha, descrevendo sua luta constante pela sobrevivência, incluindo a coleta de papel e metal para venda, enquanto almeja uma vida melhor para si e seus filhos.

Para compreender a trajetória de Carolina Maria de Jesus, recorreremos ao estudo de sua obra *Antologia Pessoal* (1996), a qual oferece uma visão abrangente de sua vida e legado. Carolina nasceu em 14 de março de 1914, em Sacramento, Minas Gerais, e frequentou o Colégio Allan Kardec em 1923, onde recebeu instrução até o segundo ano do ensino primário. Desde jovem, Carolina almejava uma ascensão social, desejando integrar-se a um segmento nacional minimamente respeitável, aspirando à classe média. Em 1927, retornou com a família a Sacramento, mudando-se posteriormente, em 1930, para Franca, São Paulo, onde trabalhou como empregada doméstica e a família continuou a atuar como lavradores. Em 1937, com a morte de sua mãe, Carolina decide migrar para São Paulo, onde passou a exercer diversas funções, como faxineira e, principal atividade, a de catadora de papel.

Foi em São Paulo que, no dia 24 de fevereiro de 1941, sua imagem foi exposta pela primeira vez no jornal *Folha da Manhã*, ao lado do jornalista Willy Aureli. Na mesma ocasião, também foi publicado um poema de sua autoria em homenagem a Getúlio Vargas,

embora suas produções poéticas não tivessem grande repercussão à época, dado o baixo interesse econômico que a poesia representava para os jornais.

Em 1948, Carolina mudou-se para a favela do Canindé, onde nasceram seus três filhos, frutos de relacionamentos diferentes: João, José Carlos e Vera Eunice. Em 15 de julho de 1955, Carolina iniciou a redação de seu diário, no qual registrava o cotidiano na favela. Após anos de persistência e tentativas de publicação, em 1958, conheceu o jornalista Audálio Dantas, que se interessou por seus escritos ao cobrir uma reportagem sobre o playground da favela. Em 1959, trechos do diário de Carolina foram publicados na revista *O Cruzeiro*, marcando o início de sua trajetória literária pública.

No mesmo ano, 1959, foi lançado seu primeiro livro, *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada*, editado por Audálio Dantas. A obra foi um sucesso de vendas e crítica, com 600 exemplares vendidos na noite de autógrafos e mais de 100 mil exemplares no primeiro ano, com várias reedições. Traduzido para 13 idiomas e vendido em mais de 40 países, Quarto de Despejo tornou-se o texto brasileiro mais vendido em países como Estados Unidos, Alemanha e França.

Na década de 1960, após o sucesso de seu livro, Carolina mudou-se da favela do Canindé para uma casa em Osasco, e, posteriormente, para sua residência no Alto de Santana, São Paulo. Nesse período, foi homenageada por instituições como a Academia Paulista de Letras e a Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. Viajou pela América Latina, sendo agraciada com a "Orden Caballero Del Tornillo" na Argentina, além de visitar Uruguai e Chile. Em 1961, lançou seu segundo livro, *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada* (1961), com apresentação de Audálio Dantas, mas a obra não obteve a mesma repercussão, sendo alvo de críticas tanto do público quanto de intelectuais. No ano de 1963, publicou *Pedaços da Fome* (1963), um romance com apresentação de Eduardo de Oliveira, que também foi recebido com indiferença pela imprensa.

Carolina Maria de Jesus, com uma crítica forte, refletia nos textos as contradições de um Brasil em transformação, que viu surgir a Bossa Nova e o rock nacional, ao mesmo tempo em que se construía Brasília e se consolidava a indústria automobilística. Assim, sua inserção no mundo literário, historicamente reservado à elite, foi um marco em um período em que até mesmo mulheres brancas enfrentavam dificuldades para se afirmarem, como demonstrado pelas trajetórias de escritoras como Clarice Lispector e Cecília Meirelles. Carolina, por sua vez, enfrentou barreiras ainda maiores por ser mulher, negra, pobre, e com instrução limitada, tendo concluído apenas o segundo ano do ensino primário. A singularidade de Carolina não residia apenas na qualidade de seus textos, mas no valor social que eles transmitiam. Suas

obras, compostas por romances, contos e poesias, revelavam uma realidade dura e complexa, expressando a resistência de uma mulher que jamais aceitou passivamente a condição de favelada e mãe solo.

Seus registros, que funcionavam como autênticos documentos de sua experiência de vida, tornaram-se marcos literários de uma narrativa até então marginalizada. Contudo, foi apenas após o reconhecimento do jornalista Audálio Dantas que Carolina conseguiu transpor as fronteiras da exclusão e alcançar o sucesso literário, o que marcou sua ascensão social.

Carolina, mãe de quatro filhos (dos quais apenas três sobreviveram), teve em cada um de seus relacionamentos com homens brancos e estrangeiros o reflexo de sua luta solitária. Além de mãe, foi também empregada doméstica, catadora de papéis, vendedora ambulante e faxineira em hospitais e hotéis. Seus versos, por sua vez, lembravam uma infância distante em Sacramento e uma saudade profunda de sua mãe, sentimentos que permeiam suas histórias e poesias, compondo um retrato único de sua vida e obra.

Na contemporaneidade, alguns pesquisadores se debruçam sobre o gênero diário – e conseqüentemente sobre Carolina Maria - com o intuito de reforçar sua importância na academia. Dentre eles está Regina Dalcastagnè, que oferece e contempla na obra *Literatura Contemporânea: Um Território Contestado* (2012), uma análise detalhada do gênero diário, destacando sua evolução e relevância na literatura contemporânea. Ela explora como o diário, tradicionalmente um espaço de narrativas marcadas pela escrevivência, tem se adaptado às novas práticas literárias e culturais.

Segundo Dalcastagnè (2012), o gênero diário não apenas mantém sua função de revelar a intimidade do autor, mas também se torna um veículo para a contestação social e política, permitindo uma crítica mais direta e pessoal das realidades vividas. Esse contexto é particularmente pertinente quando se considera que a obra de Carolina Maria de Jesus é um exemplo ideal de como o gênero pode servir para documentar e criticar as condições sociais e econômicas de maneira incisiva e autêntica. A pesquisadora analisa, então, como os diários de Carolina de Jesus transcendem o formato tradicional, oferecendo uma visão crua e poderosa das experiências de uma mulher negra e pobre nas favelas de São Paulo.

A autora ressalta que a obra de Carolina, com seu caráter diarístico, contribui significativamente para a literatura contemporânea, trazendo à tona questões de desigualdade e resistência. Assim, a análise de Dalcastagnè (2012) destaca como a obra da escritora catadora exemplifica a capacidade do gênero de se transformar em um instrumento de impacto social e literário, refletindo e desafiando as complexidades do ser humano. Nesse sentido, ao tomarmos a obra de Carolina nas mãos, percebemos que ela nos entrega muito

mais que registros de eventos cotidianos, sua obra provoca autorreflexão e possibilita o aos leitores tomarem para si a compreensão de suas experiências, inquietações e sonhos.

Ao encontro dessa discussão, o texto *O Desafio Ético da Escrita* (2004), da professora e pesquisadora Leila Domingues Machado, Doutora em Psicologia Clínica e Professora do Departamento de Psicologia da UFES, nos convida a pensar o ato de escrever enquanto encontro com a alteridade e nomeia como outramento. Nesse sentido, a escrita funciona como uma prática inseparável de si e do outro com a prática de leitura. Assim, a autora descreve a alteridade como a capacidade de reconhecer e respeitar a diferença e a existência do "outro", ou seja, de um sujeito que é distinto de si. No contexto da escrita, a alteridade assume um papel determinante, pois implica uma postura ética do escritor ao lidar com as vozes e experiências de pessoas marginalizadas, historicamente silenciadas e invisibilizadas.

Esse conceito está diretamente ligado à responsabilidade ética na representação de grupos subalternos, ao evitar práticas de exclusão e desumanização que são comuns em discursos hegemônicos. Em suma, a alteridade, nesse contexto, é uma prática de escuta e acolhimento do outro em sua plenitude, reconhecendo a diversidade e as experiências alheias.

4.3 A importância de Quarto de despejo: diário de uma favelada (2014), no século XXI

Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada (2014), continua a ter uma importância significativa no século XXI. A obra oferece um retrato profundo e sem adornos da vida nas favelas brasileiras, abordando questões de pobreza extrema, discriminação racial e de gênero, e as duras condições de vida enfrentadas pela autora e sua família. Em um contexto atual de crescente conscientização sobre questões sociais e desigualdades, a leitura de Carolina Maria de Jesus nas salas de aula se mostra não apenas pertinente, mas essencial para fomentar um debate crítico sobre a realidade social e as estruturas de poder existentes. Para além disso, a condição humana e o direito à literatura como bem incompressível, discutido por Antonio Candido (2011), parecem ecoar de cada página, convidando à reflexão.

É nesse sentido que o impacto da referida obra é ampliado. Isso acontece porque o texto possui grande capacidade de transcender o tempo e continuar a dialogar com questões contemporâneas. O texto oferece não apenas uma visão introspectiva da vida nas favelas, mas também propõe uma reflexão sobre a condição humana e a luta por dignidade. Como afirma Lejeune (2014, p. 321), “escrevemos também porque é agradável. É delicioso dar forma ao que se vive, progredir na escrita, criar um objeto no qual nos reconhecemos.” Carolina Maria

de Jesus, ao expressar suas experiências de forma visceral, oferece uma forma de escrita que ressoa profundamente com os leitores modernos, permitindo-lhes compreender e empatizar com realidades frequentemente ignoradas.

No campo teórico, a obra pode ser contextualizada dentro das contribuições de Bakhtin (2003), que amplia a compreensão dos gêneros discursivos e sua importância na comunicação contemporânea. A abordagem do russo, então, como já apontamos, destaca a relevância das intenções discursivas e da adaptação ao contexto, o que é evidente na escrita de Carolina. Assim, seu diário, como gênero textual, ilustra o papel da intencionalidade na construção de narrativas pessoais e sociais, oferecendo um espelho das dinâmicas de poder e marginalização.

Já no âmbito educacional, a inclusão de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) nas salas de aula oferece uma oportunidade valiosa para discutir temas cruciais como desigualdade social, identidade e resistência. A obra serve como um ponto de partida para a análise crítica das condições de vida dos sujeitos e para o entendimento das complexas questões de classe, raça e gênero. Marcuschi (2003) ressalta que os gêneros textuais, como o diário, são dinâmicos e adaptam-se às necessidades comunicativas e aos contextos de uso.

Assim, ao trabalhar com o diário de Carolina Maria de Jesus, os alunos não apenas exploram uma forma literária específica, mas também mergulham em um processo profundo de autorreflexão e compreensão subjetiva, sobre o qual este trabalho se debruça. O diário de Carolina, com sua escrita intimista e direta, oferece uma janela para a subjetividade da autora, permitindo que os leitores acessem não apenas uma narrativa factual, mas também a experiência emocional e psicológica de alguém vivendo em condições adversas.

No contexto dessa pesquisa, então, a escrita de si que a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) nos apresenta revela a complexidade da identidade de Carolina e o seu enfrentamento diário das adversidades. A forma como ela documenta suas experiências, reflexões e sentimentos oferece uma rica tapeçaria de pensamentos e emoções que transcende o mero relato de fatos. Ao se engajar com essa obra, as jovens estudantes têm a oportunidade de compreender como a escrita pessoal e o diário funcionam como meios de representatividade.

Ao analisar como Carolina constrói sua narrativa a partir de uma perspectiva subjetiva e pessoal, as alunas são convidadas a considerar suas próprias experiências e emoções, promovendo uma maior conexão com as questões sociais e pessoais que a obra aborda. O diário de Carolina serve como um espelho que reflete não apenas a vida na favela, mas

também as complexas dinâmicas de identidade, dignidade e resistência que todos enfrentamos em nossas próprias jornadas, independente do lugar e do tempo que vivemos.

Outro aspecto relevante da obra é a sua estética verbal; a escrita de Carolina Maria de Jesus é marcada por uma autenticidade austera e uma expressividade poética que conferem à obra uma profundidade literária única. Sua capacidade de capturar a essência da vida nas favelas por meio de uma linguagem direta e carregada de emoção oferece ao leitor uma experiência imersiva e impactante.

Embora sua linguagem possa parecer simples à primeira vista, ela contrasta com a profundidade das suas observações e reflexões, revelando uma sensibilidade artística que transcende as limitações impostas por sua condição social e econômica. Assim, ter este texto como base de leitura é aproximar realidades, incluir linguagens e promover reflexões.

A simplicidade da expressão verbal de Carolina não deve ser confundida com falta de sofisticação; pelo contrário, é uma forma de eloquência que revela uma percepção aguda e um profundo entendimento da realidade que ela descreve. Essa estética não só enriquece a narrativa ao torná-la mais acessível e tocante, mas também destaca a importância da obra como um valioso testemunho literário e social. Ao oferecer uma visão crítica e humana da realidade vivida nas favelas, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) continua sendo uma leitura essencial para compreender as complexidades da sociedade brasileira e a luta pela dignidade humana, oferecendo um panorama crítico e profundamente humano que dialoga com as preocupações e desafios contemporâneos. Por fim, a leitura da obra oferece às jovens estudantes uma oportunidade potente de refletirem sobre suas próprias aspirações e posicionamentos dentro do mundo. Através da escrita de Carolina Maria de Jesus, os alunos são confrontados com a realidade das lutas e sonhos de uma mulher que, apesar das adversidades, manteve um profundo desejo de dignidade e visibilidade.

Este contato com a escrita de Carolina não só amplia sua compreensão das injustiças e desigualdades, mas também os incentiva a explorar e afirmar suas próprias identidades e anseios. Em um cenário educacional que visa formar cidadãos críticos e empáticos, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) se estabelece como um recurso essencial, inspirando os jovens a reconhecerem o poder transformador da escrita e a importância de dar voz às suas próprias histórias e sonhos.

A partir dessas considerações e da leitura da obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), as alunas do Curso Técnico têm a oportunidade de explorar a escrita como um meio de reflexão pessoal; embora possuam o privilégio de estudar e acessar oportunidades que Carolina não teve, essas jovens também carregam sonhos e

aspirações únicas. O diário torna-se, para elas, um espaço para manifestar suas experiências e emoções, revelando suas próprias singularidades e realidades.

A interação com a escrita de Carolina não apenas enriquece sua compreensão sobre questões sociais e pessoais, mas também as incentiva a reconhecer e valorizar suas próprias histórias e desafios. Essa jornada pode gerar textos que, embora distintos, compartilham a mesma força transformadora e autenticidade, oferecendo uma nova perspectiva sobre a posição que ocupam na sociedade e quanto às suas histórias importam.

5 AS ESCOLHAS LINGUÍSTICAS PARA A CONSTRUÇÃO TEXTUAL DAS JOVENS E DA AUTORA CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus e as estudantes participantes dessa investigação possuem grandes discrepâncias quanto ao nível linguístico. Isso se dá, logicamente, pelo fato de que diferente da autora, as meninas do século XXI frequentaram a escola há 13 anos, no mínimo, o que contribui para a ampliação do vocabulário e para os arranjos e as escolhas linguísticas.

Muito embora a escrita do gênero diário para as adolescentes participantes da pesquisa tenha sido uma proposta que valorizasse uma maior liberdade temática e formal, onde as construções sintáticas e escolhas semânticas não devessem ter cuidado extremo, o que notamos foi a prevalência de uma escrita mais próxima da formalidade, como pode-se perceber no texto de Margarida, escrito no dia 28.02.23: “Hoje acordei cedo para estudar, desanimei logo, porque comecei com física. Apesar disso, quando chegou em química, me animei. Tomei café com a mãe e ri com a avó.” (Margarida, Anexo 1). Percebemos certo cuidado que a estudante teve com a pontuação e com o uso de alguns elementos coesivos, o que em Carolina é raro aparecer. No entanto, aproximam-se no que diz respeito à descrição dos fatos em uma sequência narrativa de ordem temporal.

O mesmo se passa com a produção de Ada, realizada no mesmo dia: “Hoje eu acordei tarde. Já era quase 8h e eu queria ter acordado no máximo às 7h porque me sinto mais produtiva quando acordo cedo (ou me sinto menos preguiçosa, não sei).” (Ada, 28.02.2023. Anexo 2). Nota-se a presença dos conectivos que unem as orações coordenadas aditivas e explicativas, o que mostra uma preocupação com a organização e com a ordem lógica do texto.

Quase no final do texto de Ada, deste mesmo dia já mencionado, ela resume a questão que aqui analisamos – escolhas linguísticas - e que revela um pouco sobre o que significou essa atividade para as meninas do grupo. Diz ela que gostou da proposta de escrever um diário a partir de Carolina porque “Não me importarei com estética, o que é bom. É bom não ligar muito para o que as pessoas achariam às vezes (Ada, o que você acha de você mesma? Não sei).” (Ada, 28.02.2023. Anexo 2).

A escrita da estudante deixa entrever que parece ter assumido o modo Carolina: não se preocupar com o que pensam os demais, mas sim, com o que ela acredita. Assim, não se ater a detalhes da construção do texto representa uma certa liberdade para deixar o pensamento fluir e afirmar-se enquanto dona de seus pensamentos e palavras.

É dessa forma que as citações aqui mencionadas dialogam com o propósito do gênero diário, pois funcionam como um alter ego do autor do diário que dialoga com suas próprias palavras e com sua própria escrita ao invés de estabelecer diálogos com outras pessoas. No entanto, ainda que se destine ao próprio diarista, o diário íntimo mantém característica dos atos comunicacionais. Ele apresenta o diálogo entre o eu sujeito e o eu objeto, representado pelo diário, o que explica a presença dos elementos de comunicação como saudação, vocativo, despedida e até questionamento, como faz Ada a ela mesma.

Outro exemplo que merece ser destacado acerca da escrita das meninas participantes da investigação e que está muito próxima da considerada padrão norma culta, não comum para um diário, é o uso do verbo fazer no sentido de tempo, escrito pela estudante Antônia, no dia 16.05.23: “Faz 1 mês e 4 dias que estou com a carteira, YAYY. Fiz algumas provas. Parei com a medicação e agora uso o óleo essencial, vamos ver se funciona”. (Antônia, 16.05.23. Anexo 3). A concordância verbal bem empregada aqui reforça a gramática internalizada da estudante, que não consultou materiais no momento dessa escrita. O fato de frequentar a escola desde criança, de realizar leituras com frequência e de ocupar um espaço de privilégio na sociedade facilita o emprego de construções como essas. Infelizmente, no caso de Carolina, sua escrita muito particular a afastou da academia por muitos anos. Os desvios da norma padrão da língua portuguesa, frequentes no texto da autora, mesmo não sendo relevantes para o entendimento da obra enquanto gênero diário, foram determinantes para a sua não inclusão dentre as importantes escritoras brasileiras até muito pouco tempo atrás. Contudo, por muitas vezes, ela mescla as características comuns da oralidade com certo cuidado com a escrita, porque mesmo que o diário seja seu interlocutor direto, há preocupação com a organização do texto.

Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles veem as coisas de comer eles brada: - Viva mamãe! A manifestação agrada-me. Mas já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ilda. Mandei-lhe um bilhete assim: - “Dona Ilda peço-te se pode arranjar um pouco de gordura, para eu fazer a sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papel. Agradeço. Carolina. (Jesus, 2014, p. 45)

Essa questão da linguagem que discutimos aqui vai ao encontro das pesquisas de Rosa Meire Carvalho de Oliveira (2002) acerca do diário íntimo, quando afirma que estas escolhas linguísticas se justificam porque se aproximam da oralidade. Como o autor do texto conversa com ele mesmo - no caso de Carolina, um desabafo acerca da vida cruel e solitária que leva e, no caso das meninas estudantes, um mergulho nas subjetividades em meio ao turbilhão de

provas e compromissos acadêmicos – pode usar do recurso de uma escrita mais informal, com marcas de coloquialidade e esquecer o compromisso estético, como destacou Ada. As adolescentes mostram, assim como Carolina Maria de Jesus também o fez, que a vontade de comentar os fatos do cotidiano com visão própria, e com a vantagem de não existir um leitor crítico, permite essa liberdade na escrita.

Oliveira (2002) destaca, ainda que o uso da primeira pessoa do discurso revela um autor-narrador comprometido com o que relata e, por ser um texto de memória, o diário funciona como um espaço para que o autor se funda com o narrador, tornando o texto ficcional e documental ao mesmo tempo. Eis, então, a relevância de escritas como estas para marcar um tempo, um lugar e a história.

No que diz respeito à escrita mais elaborada gramaticalmente está a realizada pela estudante Evelyn no dia 16.05.2023, quando diz “É perturbador o sentimento de não agir na totalidade de mim”. (Evelyn, 16.05.23. Anexo 4). Para além das questões gramaticais, sintáticas e semânticas muito bem construídas, aqui estão imbricadas relações muito profundas com a subjetividade. Este pequeno trecho revela um mergulho no universo da individualidade dessa jovem que se questiona sobre si mesma e sobre suas ações, escolhendo um arranjo de linguagem digno de amantes da escrita lispectoriana. Isso se deve ao fato de que, em escrita anterior, o diário da jovem revelar que ela estava lendo a obra de Clarice Lispector, *Paixão Segundo GH*.

A profundidade do arranjo linguístico da estudante demonstra conhecimento da arte narrativa que dialoga com a narração que faz Carolina Maria de Jesus em grande parte de sua obra. Da autora, recebemos a narração e a descrição tão impactantes que sua escrita parece falar conosco e essa conversa nos anestesia pela crueldade da fria realidade que traz e que faz com que percebamos a dor física e moral que sente ao escrever: “Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo!” (Jesus, 2014 p. 45). Já a escritura da estudante, traz o anestésico que vem em forma de poesia, que se mistura à complexidade do entendimento da mente humana. Parece que as escolhas e elaborações linguísticas aqui, forçam o leitor ao entendimento da alma que possui carências tanto quanto às do corpo.

Cabe refletir, ainda, acerca das escolhas das palavras que compõem cada relato do diário de Carolina: que dimensão possuía cada vocábulo e que significado tinha para ela? Que significado possui hoje para as muitas Carolinas? Talvez jamais possamos mensurar o alcance e/ou o impacto que têm os desabafos e as reflexões da escritora catadora de papel com baixa escolarização, lida pelo grupo participante de nossa pesquisa. Contudo, este estudo revela o

que escrevem as meninas do século XXI a partir do que produziu essa escritora, mesmo que jamais possam mensurar o valor e o peso de cada palavra escrita por ela, como revela Ada:

Eu acho que as nossas faltas nos movem também. E nos deixam exaustas. Odeio, em especial, estar em falta comigo mesma. Hoje eu não estou. Também não quero - e nem acho certo -, insinuar que entendo das faltas de Carolina Maria de Jesus. Não sei das suas faltas. Nunca senti dessas palavras que a moveram até as palavras de Quarto de Despejo. (Ada, 09.03.2023)

Talvez o que reverbera nessa escrita de Ada seja o que Bakhtin (2003) discute sobre esse estilo íntimo de escrita. Ele menciona que nisso está a fusão entre locutor e o destinatário. Aqui o discurso íntimo de Ada confia que o destinatário vai compreendê-la em sua impossibilidade de compreensão, isto é, não vai desvendar por completo seus mistérios, assim como ela, como leitora do diário de Carolina também não consegue porque jamais poderá assumir seu lugar, suas dores, seus medos e anseios.

O que podemos dizer, então, acerca das escolhas, tanto de vocabulário quanto de estilo e organização sintática e linguística, que fazem as estudantes e Carolina Maria de Jesus, ao escreverem seus diários é que vão ao encontro do que diz a pesquisadora Gilda de Almeida Bastos (2021). Segundo ela, as diaristas, ao organizarem suas escritas, afastam-se da sua própria consciência o suficiente para enxergar a si mesmas, fazendo-o a partir de pensamentos, tanto concretos quanto abstratos. Assim, a pesquisadora reitera que a partir dessa escrita, as diaristas passam a agir e a refletir sobre cada ato e sobre o que há em comum entre essas atitudes, numa sutil e viável progressão de ideias, não se preocupando, necessariamente com normas e padrões, porque essa preocupação não é relevante para o que objetivam.

5.1 Sobre o que escrevem as meninas do século XXI e Carolina Maria: algumas aproximações

A leitura do texto *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus foi lido ao longo do ano letivo pelas estudantes, durante as aulas de Língua Portuguesa. Após cada leitura diária, as estudantes escreviam em seus diários sobre o que quisessem escrever, sobre suas vidas, desejos, medos, anseios, reflexões que tivessem ou não relação com o que leram de Carolina naquele determinado dia. O que é possível notar, entretanto, são muitas aproximações temáticas em seus escritos, dentre eles estão: educação e leitura, inclusão de questões sociais e políticas, família e a condição feminina.

5.1.1 Educação e leitura

Um dos trechos mais marcantes da obra aqui analisada é, certamente, quando Carolina menciona ser o livro um grande feito da humanidade. Diz ela: “Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.” (Jesus, 2014, p. 24). Sobre essa escrita de Carolina, a estudante Uva, em produção no dia 23.06, diz: “Quando Carolina de Jesus fala que não consegue dormir sem ler, me identifico. Não foi fácil criar o hábito de ler, mas quando acostumamos, tudo parece melhor. Imagino e aprendo palavras e textos novos todos os dias e tudo é tão bom (...)”. A identificação que a estudante faz de si e da autora é pontual: não dormir sem ler. Ela percebe, neste momento, essa prática como algo instrutivo e pedagógico. Já no trecho de Carolina, surge a palavra manusear, que remete a algo sem muito propósito, apenas o estar com o livro em mãos. Uma das possibilidades de analisarmos essa diferença está no fato de que a estudante precisa dar conta de conteúdos e de demandas da escola que cobra a leitura para alguma coisa. Já a autora não é cobrada por ninguém a não ser por ela mesma, que almeja sair da pobreza com o auxílio da leitura e da escrita.

Nesse sentido, é preciso refletir sobre o fato de que embora entendamos que a leitura funcione como elo entre o mundo interior e o mundo exterior do indivíduo, muitas vezes, o desinteresse pela atividade é real e o professor acaba impondo a tarefa o que a torna obrigação. De encontro a esta ideia o pesquisador Richard Bamberger (2000, p.70) declara: “Os livros não devem ser considerados como ‘trabalho escolar’, mas como companheiros”. O que notamos, então, é que como a autora Carolina Maria não possuía essa obrigatoriedade de tarefas a cumprir, percebia o livro como companheiro e não mecanismo de avaliação, como é o caso da estudante Uva.

Em determinado momento, Carolina Maria menciona que um passante “Quis saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário. — Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você. Todos *tem* um ideal. O meu é gostar de ler.” (Jesus, 2014, p.23). É assim que ela se diferencia dos outros pretos e pretas da favela. Ela se coloca como diferente, como alguém que almeja muito mais do que aquele mundo de miséria, de brigas e de violência e vê na leitura e na escrita a possibilidade de alcançar esse objetivo.

A estudante que se autodenomina Regina Phalange, em escrita do dia 26.06 diz: “... nas mãos certas, livros são armas. Armas de conhecimento.” (Anexo 8) Cabe refletir acerca de como articular essa definição feita pela discente com o que escreve e vive, diariamente, a escritora Carolina. Ela que mantém a família às custas do trabalho informal, mas lê. Reclama da vida, da miséria, mas lê. Sente fome e não tem o que comer, mas lê. Discute com os

vizinhos, mas lê. Assim, a leitura e a escrita para a autora são, então, as armas que menciona Regina e que a escritora catadora está reunindo em um arsenal – seu próprio livro -, esperando a metafórica guerra – sua saída da pobreza e da invisibilidade.

Ao referir-se dessa maneira ao livro enquanto um objeto real manipulado por ela, a autora reforça o valor que dá para o ato de escrever, tarefa pela qual ela almeja reconhecimento, como quando diz:

[...] Enquanto as roupas corava eu sentei na calçada para escrever. Passou um senhor e perguntou-me:
 —O que escreve?
 —Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana.
 Ele disse:
 —Escreve e depois dá a um crítico para fazer a revisão.
 (Jesus, 2014 p.20)

Carolina tem a intenção de que seus escritos cheguem para além da favela. Ela sabe que o que escreve revela momentos de vida, situações que presencia e das quais quer ser porta-voz, sem necessariamente inserir-se nesta realidade. Nesse sentido, em diálogo muito próximo com este querer da autora, está o que a estudante Ada escreve no dia 16.08:

Carolina disse (escreveu) que não se imagina sem livros. Eu gosto de livros. Gosto mesmo. Já escrevi alguns também, mas nunca terminei. Nem vou terminar, provavelmente. Mas guardo os rascunhos porque em algum momento eu talvez conheça alguém que goste de me ler. E vou me deixar ficar exposta de vez em quando para essa pessoa. Às vezes a gente só precisa confiar em alguém. Vou esperar essa alguém aparecer. (Ada, 16.08. Anexo 1)

A confiança é o elemento necessário para o compartilhamento da escrita de Ada, luxo a que Carolina não pode permitir-se, porque para ela é questão de sobrevivência, não apenas de entregar os textos a alguém que goste ou não do que escreve. Eis a diferença maior entre as estudantes e a escritora catadora.

5.1.2 Inclusão de questões sociais e políticas

Temos alguma noção de que ser mulher, negra e mãe solo no século XXI é difícil, visto que acompanhamos os dramas de muitas mulheres que conhecemos através de filmes, documentários e redes sociais. Mesmo que nos últimos vinte anos tenham sido criadas políticas públicas voltadas a elas, ainda assim, sofrem preconceitos e discriminações de muitas ordens. Quanto ao caso de Carolina Maria de Jesus, tomamos conhecimento de sua realidade e de suas vizinhas, através do registro que seu diário nos permite conhecer, por

intermédio de sua escrita. Este acesso aponta que na época em que ela viveu as políticas públicas estavam muito longe da favela e do povo preto. Contudo, mesmo não tendo poder suficiente para transformar sua realidade, a catadora e escritora corajosa se fez ouvir através de suas impressões registradas em papel que encontrava em seu calvário diário, por onde percorria em busca de ganhar a vida honestamente, mas não resignadamente, como podemos perceber em seus inúmeros relatos, quando denuncia a realidade social e política da época, nunca conformando-se com o que via e sentia. Eis as palavras de Carolina Maria:

... O que eu aviso aos pretendentes a politica, é que o povo não tolera a fome. E preciso conhecer a fome para saber descrevê-la. [...]
 Pensei: se ele sabe disso porque não envia um relatório para os políticos? O Senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Ademar Barros? Agora falar pra mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem minhas dificuldades. O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que passou fome. A fome também é professora. Quem passou fome aprende a pensar no próximo e nas crianças. (Jesus, 2014, p. 30)

As reflexões da autora mostram clareza, percepção de sua realidade social e de suas limitações. Contudo, o que impressiona é o senso de consciência política quando destaca as qualidades que deve ter um gestor para resolver o problema da fome. Assim, mesmo não tendo frequentado os bancos escolares, a autora tem os conhecimentos de vida que lhe mostram caminhos. Em outro trecho, a autora menciona que voltava para casa e passou na banca de jornais e viu um homem

chingando os policiais de burros. No clichê, um policial espancava um velho. O jornal dizia que era um policial do DOPS. Resolvi tomar um bonde e ir pra casa (...) fomos falando do Dr. Adhemar, unico nome que está em evidencia por causa do aumento das conduções. O homem disse-me que os nossos politicos são carnavalescos. Eu acho que o Dr. Adhemar está revoltado. E resolveu ser energico com o povo para demonstrar que ele tem força para nos castigar. Eu acho que os espiritos superiores não se vingam.” (Jesus, 2014, p. 133)

Ao comentar sobre esse senhor Dr. Adhemar, sutilmente, Carolina Maria diz que quem tem o poder, transfere aos inferiores seu ódio e revolta. De certa forma, ela traz presente em seu discurso, palavras que se tornaram o símbolo de uma educação libertadora. Trata-se do que Paulo Freire, em *Pedagogia do oprimido* (2005) destaca acerca da importância da educação, pois quando não for libertadora, o sonho de todo oprimido é tornar-se opressor.

Há, ainda, elementos acerca de questões ambientais apontados por Carolina, quando menciona que “O dia surgiu claro para todos. Porque hoje não tem fumaça das fábricas para deixar o céu cinzento” (Jesus, 2014, p.137). Nota-se que o que hoje está insuportável nos

grandes centros urbanos já era percebido como algo perturbador em 1960. A poluição ambiental já era tema de preocupação da escritora.

A fome e as questões relacionadas à miséria são recorrentes no texto de Carolina Maria, como já debatido.

Amanheci com dor de barriga e vomitando. Doente e sem ter nada para comer. Eu mandei o João no ferro velho vender um pouco de estopa e uns ferros. Ele ganhou 23 cruzeiros. Não dava nem para fazer uma sopa. [...] Que suplício adoecer aqui na favela! Pensei: hoje é meu último dia em cima da terra. ... Percebi que havia melhorado. Sentei na cama e comecei catar pulgas. A ideia da morte já ia se afastando. E eu comecei a fazer planos para o futuro. (Jesus, 2014, p.145)

Os planos para o futuro perpassam pela melhoria social e política tanto das Carolinas do século XX quanto das do século XXI. No entanto, inegavelmente, as dores, medos e suplícios de Carolina Maria são muito maiores do que os das estudantes. No caso das meninas participantes da pesquisa a problemática social e política que percebem e discutem é outra, engloba aspectos estruturais, éticos e emocionais como pode-se notar na escrita de Ada.

Morreu com 2 meses (de quê?). Se vivesse, ficaria morrendo aos poucos. Estaria exausto da vida aos 50. Que triste. Fico triste quando leio Carolina, um sentimento ruim de impotência, silêncio. Quando me deparo com a realidade, ela nua e crua, me assusto. Carolina nasceu, viveu, foi mãe, foi favelada, foi escritora, foi uma das “mulheres do fim do mundo” de Elza Soares e morreu. As coisas continuam, porém. O mundo ainda está cheio de Marias. Ainda vivemos em um sistema racista escravista. Ainda passamos a mão na cabeça de professores brancos que fazem piadas violentas em sala de aula (“*ele é só um senhor*”). Ainda achamos normal a nossa única colega negra ter desistido do curso (algumas colegas ainda fazem piadas). O mundo muda? O mundo realmente muda ou estamos parados no mesmo lugar desde a primeira violência? Não sei, mas sei que Carolinas Marias mudam vidas e vidas podem mudar partes do mundo.

Não quero ser “neutra”. Ser neutra é sorrir para aquele colega que foi em passeata pró genocida e que, se visse uma Carolina Maria de Jesus na rua, nem olhava. Que vergonha dessa gente. Não serei “neutra”, o que quer que essa palavra signifique. (Ada, 18.08.23. Anexo 1)

Diferente de Carolina, Ada pode dissertar sobre suas inquietações porque não lhe faltam palavras, nem tempo, nem capacidade argumentativa. O que se percebe em ambas é um grande senso de realidade que faz doer na mesma intensidade que enjoa e revolta. Quando Ada menciona sentir-se triste por ler Carolina Maria é porque se sente incapaz de interferir naquela realidade. No entanto, há esperança em suas palavras ao mencionar que mulheres como a escritora catadora transformam vidas e mudam o mundo e ela quer ser agente de mudança.

5.1.3 Família

Notamos que o diário de Carolina Maria tem impactantes menções à família e às situações que dizem respeito ao núcleo, seja pelas necessidades que passam, pelas ausências ou pelas pequenas alegrias que vive junto aos seus filhos. No caso das estudantes pesquisadas, não são muitas as menções a este grupo. Os motivos para essa ausência não sabemos, assim, descrevemos algumas situações que julgamos interessantes para dialogar com a autora.

Marília Carmen, pseudônimo adotado por uma das estudantes participantes da pesquisa, expressa, em sua escrita datada em 28.02.23, as dificuldades cotidianas enfrentadas por muitas jovens, especialmente no que diz respeito à família e ao trabalho. Em um de seus trechos, ela escreve: "A noite foi difícil, meu irmão pequeno não dormiu bem. Acordar, logo, foi um saco. Já queria estar aposentada. No serviço fiz novamente, mais do que me pagam, mas como meu pai diz, tudo será recompensado."(Anexo 6). Esse relato reflete o desgaste físico e emocional de Marília, que assume responsabilidades tanto dentro quanto fora de casa, gerando um sentimento de exaustão e insatisfação. Ela compartilha a frustração de uma rotina que, muitas vezes, não a recompensa como gostaria, e, ao mesmo tempo, traz uma mensagem de esperança por meio do conselho de seu pai, que lhe dá alento, dizendo que "tudo será recompensado". Esse ponto reflete uma visão de que o esforço e o sacrifício familiar, eventualmente, terão um retorno positivo.

Esse sentimento de esforço contínuo em busca de algo melhor é uma experiência compartilhada por Carolina Maria de Jesus, cujas reflexões sobre a família são centrais em sua obra. Em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), Carolina narra a dura realidade de ser mãe solteira e viver na favela, sempre em busca de recursos para sustentar seus filhos. Para ela, a família era, ao mesmo tempo, uma fonte de força e de sofrimento. O amor e a dedicação aos filhos eram visíveis em suas palavras, mas também estavam imersos em um contexto de extrema pobreza e marginalização. Assim como Marília, Carolina se via sobrecarregada pelas responsabilidades familiares e pelo peso das dificuldades econômicas, enfrentando o estigma social. No entanto, ao escrever, ela encontrava uma forma de resistência e de afirmação, mostrando sua luta diária pela sobrevivência e pela dignidade de seus filhos.

Marília e Carolina compartilham, portanto, a vivência de lutar pela sobrevivência pessoal e pelo bem-estar daqueles que amam. Ambas têm a família como ponto central de suas vidas, sendo esta uma fonte de motivação e de desafios. Carolina, com sua escrita crua e verdadeira, demonstra como a família pode ser, ao mesmo tempo, uma âncora emocional e

uma fonte de grande tensão, especialmente para mulheres que, além de cuidarem de seus filhos, enfrentam a luta por melhores condições de vida.

A escrita de Carolina torna-se, então, uma forma de resistência diante das adversidades, oferecendo um espaço onde ela pode se afirmar e mostrar sua luta. Marília, por sua vez, ao refletir sobre a dificuldade de equilibrar o trabalho e a família, também carrega essa sensibilidade de luta, com a esperança de que seus esforços, apesar da sobrecarga, serão reconhecidos e recompensados.

Essas duas perspectivas evidenciam como a experiência de ser mulher está intimamente entrelaçada com as questões de trabalho, responsabilidade e luta por melhores condições de vida. Seja na realidade de Carolina, que usava a escrita como forma de resistência e expressão, seja no contexto de Marília, em que o desejo de reconhecimento se torna um impulso constante, a família surge como um ponto de partida e reflexão sobre o próprio papel na sociedade. Ambas, ao refletirem sobre suas realidades familiares e os desafios que enfrentam, não apenas reafirmam a importância da escrita como forma de resistência, mas também destacam o quanto a luta por uma vida melhor é, de certa forma, compartilhada por todas as mulheres em condições semelhantes.

Marília contempla sua família, mais uma vez, em 17.05.23 (Anexo 6), quando expressa com tanta intensidade a importância desse núcleo, estabelecendo um diálogo com a escrita de Carolina Maria de Jesus. A jovem, ao relatar a experiência de ver seu irmão caminhar com sua ajuda, encontra na simplicidade desse gesto um profundo significado de afeto e gratidão pela família. Esse sentimento de valorização das pequenas vitórias do cotidiano reflete uma sensibilidade que, apesar das dificuldades, enxerga naqueles que amamos o alicerce para seguir em frente.

Esse olhar atento da jovem para o cotidiano me faz pensar nos versos de Carolina Maria de Jesus que, em sua escrita, sempre soube enxergar a beleza e a dor do que parecia invisível. Em sua obra, Carolina expressa de maneira poética suas lembranças da infância e a saudade da mãe, ressaltando a importância da figura materna em sua vida. Em *Quarto d Despejo: diário de uma favelada (2014)*, ela revela com tristeza a ausência de sua mãe, dizendo:

Mãe é sempre mãe
Se eu tivesse a minha
Oh que grande felicidade
Foi a única mulher
Que me amou com sinceridade
Nas suas orações...(Jesus, 2014, p.67)

Essa saudade de sua mãe, que Carolina expressa com tanta dor e nostalgia, me faz pensar sobre o vínculo de amor e cuidado familiar que a jovem Marília, em sua escrita do dia 17.05 também celebra em seu relato. Ambos os textos, de formas diferentes, destacam o papel fundamental da família como base de apoio emocional, como um ponto de referência que transcende as dificuldades diárias. A jovem, ao cuidar do irmão e ao valorizar os momentos simples de amor familiar, e Carolina, ao lembrar com afeto de sua mãe e das lições que ela lhe transmitiu, encontram na família um refúgio contra as adversidades.

No entanto, Carolina também revela uma dor profunda, a perda de sua filha, algo que a marcou de maneira irreversível. Ela escreve, com uma dor imensa:

Resta-me apenas a saudade
Da minha filha: minha boneca
Morreu na maternidade
Na rua Frei Caneca... (Jesus, 2014, p.56)

Esses versos não apenas capturam a perda que teve a Carolina mãe, mas também nos lembram da fragilidade da vida e de como a ausência de um ente querido pode deixar um vazio profundo. A dor de Carolina ao perder sua filha reflete o peso do luto e é, ao mesmo tempo, uma lembrança de como, na família, mesmo nas perdas, se perpetuam os vínculos afetivos. Da mesma forma, a jovem Marília, ao relatar sua vivência com o irmão, nos mostra que, mesmo diante das dificuldades, a família é fonte de força e resistência.

É interessante notar como ambas as escritoras, em momentos distintos, refletem sobre a importância da família como um pilar que nos sustenta, seja nas pequenas alegrias ou nas grandes perdas. Carolina, ao escrever seus versos, reconstrói memórias de amor e dor que, por mais difíceis que sejam, se tornam a base de sua resistência. Ela se diferencia de muitas outras escritoras da sua época ao usar a escrita como uma forma de elevar sua voz, de afirmar sua identidade, e é isso que a jovem Marília também parece buscar ao escrever sobre sua família: um meio de afirmar sua conexão com seus entes queridos e, ao mesmo tempo, um caminho para o autoconhecimento e a valorização do que realmente importa na vida. Ambos os relatos nos convidam a refletir sobre o valor da família como um espaço de amor, mas também de luta, e sobre a importância de celebrar, por meio da escrita, os momentos que fazem a vida valer a pena, mesmo nos tempos difíceis.

Outras estudantes mencionam situações familiares, como é o caso de Evelyn, em escrita do dia 26.09.23, que diz “(...) assim como Carolina quero dar mais atenção às pessoas que gosto. (...) Devo fazer a manutenção da minha relação comigo mesma. E também de outras como com a minha irmã, pais, avós e amigas. Devo deixar ir para meu próprio bem,

mesmo que seja doloroso”. (Anexo 4). Nesse desabafo, a estudante cita Carolina dizendo da importância de valorizar aquilo que importa e as pessoas que gosta. Vemos, então, no relato da adolescente que ela parece ver na escritora uma situação exemplar de como priorizar as relações familiares.

Um relato curioso é também o da estudante Clarissa, escrito no dia 12.05.23. Ela menciona que é domingo e estava muito quente para sair e porque a tia receberia visitas. Contudo, não ficou chateada porque “Descobri há pouco tempo que gosto muito de estar com minha família. De fato, gosto muito!” (Anexo 5). Para uma adolescente, esse é um desabafo (ou seria descoberta?) importante, pois nessa fase, é normal detestarem a companhia dos familiares, tendem ao isolamento e a pouca interação familiar. Assim, Clarissa parece fugir à regra e até ela se surpreende.

Contudo, é no relato de Ada, do dia 09.03.2023, que percebemos o quanto a escrita do diário toca as portas da subjetividade, toca no que tem de profundo dos sentimentos.

Na aula de agora, a profe Izandra leu um trecho de “Quarto de Despejo” em que a Carolina diz que se sente sempre em falta. Dá para pensar muito nisso: estar em falta. Às vezes eu me sinto em falta com mãe e o pai e sinto vontade de dizer “te amo” (“*tá tudo bem?*”); outras vezes me sinto em falta com a *L* e vou até o quarto dela fazer algum barulho, ou com a *M*, o que faz eu ter um pouco mais de paciência com ela e tentar ouvi-la por mais alguns segundos. (Ada, Anexo 2. 09.03.2023)

Aqui as muitas implicações que envolvem as relações familiares ficam evidentes. Quanto ao convívio, o dia a dia pode ser monótono e deixar que os sentimentos fiquem adormecidos e as expressões e demonstrações de amor, inauditas. Ada sente, a partir de Carolina Maria, que também está em falta, ou que lhe falta. Mais uma vez, a escritora catadora é presença viva nas vivências contemporâneas de adolescentes.

5.1.4 Condição feminina

A condição feminina em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), é marcada pela dualidade entre resistência e vulnerabilidade. Carolina Maria de Jesus escreve sobre seu cotidiano como mãe solteira, negra e periférica, exposta a todas as precariedades que essa posição social lhe impõe. Sua escrita revela uma consciência aguçada das injustiças de gênero e raça, ao mesmo tempo em que expressa uma profunda indignação pela forma como as mulheres, especialmente as mulheres negras e pobres, são tratadas pela sociedade. Nas palavras da autora, o peso de sua realidade se mescla à percepção de que seu papel como

mulher e mãe é invisibilizado e desprezado pela sociedade ao seu redor. Essa compreensão revela um entendimento profeminista, onde a autora, embora sem articulações teóricas de movimentos feministas organizados, identifica e narra a opressão sofrida pelo simples fato de ser mulher em uma posição de vulnerabilidade.

As estudantes participantes da pesquisa, por sua vez, escrevem sobre suas experiências como mulheres em um contexto contemporâneo que, embora tenha avançado em questões de direitos e igualdade, ainda apresenta obstáculos e pressões. Elas abordam temas como o peso das expectativas sociais sobre o comportamento feminino e a pressão acadêmica que enfrentam, reconhecendo o privilégio de acesso à educação, mas também os desafios impostos pela sociedade. Essa comparação permite refletir sobre o avanço da condição feminina ao longo do tempo, mas também evidencia que muitas questões, como o preconceito e a discriminação de gênero, persistem e são enfrentadas de maneiras diversas. Assim, tanto Carolina quanto as estudantes narram experiências de uma condição feminina em transformação, onde os avanços na igualdade convivem com a permanência de velhas pressões e expectativas sociais sobre o papel da mulher.

Destacamos a escrita da jovem Marília, no dia 14.11.23, quando escreve depois de ler o diário de Carolina Maria que falava sobre a prostituição na favela. A estudante reflete com sensibilidade sobre esse tema ainda tão caro à sociedade: a exploração sexual que envolve crianças e adolescentes. Ela escreve:

Hoje a leitura falou sobre a prostituição, e o mais triste é saber que, mesmo passados muitos anos, o cenário não mudou muito. Quantas crianças crescem nessa realidade e veem suas vidas nesta perspectiva, quantos futuros brilhantes estão escondidos por detrás da prostituição. O que martela a cabeça é o que poderia ser feito. (Marília, Anexo 6).

Esse trecho expõe não apenas a sua indignação diante de uma realidade persistente, mas também sua inquietação sobre a falta de soluções para esse problema estrutural, que continua a afetar tantas vidas, especialmente as de mulheres e crianças. Essa reflexão, além de atual, ressoa profundamente com a escrita de Carolina Maria de Jesus. Em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), Carolina retrata a dura realidade das mulheres da favela, muitas vezes empurradas para a prostituição pela pobreza extrema. A autora descreve, sem romantizar, as condições desumanas enfrentadas por essas mulheres, destacando como a exclusão social e econômica restringe suas opções e coloca suas vidas em constante vulnerabilidade. Carolina escreve:

As mulheres que não têm marido vivem um inferno. Saem à noite para arranjar comida para os filhos. A maioria acaba se prostituindo. Eu não quis seguir esse caminho porque quero viver em paz com a minha consciência.
(Jesus, 2014, p.54)

A conexão entre os escritos é evidente: ambas apontam para a falta de escolhas reais e dignas para muitas mulheres, denunciando uma sociedade que perpetua a exploração das mais vulneráveis. A jovem, ao mencionar *"futuros brilhantes escondidos por detrás da prostituição"*, destaca como a prostituição não é apenas uma realidade presente, mas um horizonte que aprisiona sonhos e potencialidades. Essa percepção dialoga com a própria luta de Carolina, que, mesmo enfrentando a pobreza extrema, usou a escrita como uma forma de resistir e de narrar sua verdade.

A questão que a jovem levanta — *"O que poderia ser feito?"* — é igualmente dolorosa e essencial. Trata-se de uma pergunta que ecoa na sociedade contemporânea, desafiando governos, instituições e a sociedade civil a criar políticas públicas que promovam a inclusão social, a educação e a proteção de crianças e mulheres em situação de risco. A prostituição, como bem observa a jovem, não é uma escolha, mas uma consequência de desigualdades estruturais, da falta de acesso a oportunidades e da ausência de uma rede de suporte social que ofereça alternativas.

O cenário atual, infelizmente, pouco difere daquele descrito por Carolina Maria de Jesus. Apesar de avanços em alguns aspectos, muitas mulheres ainda são marginalizadas e submetidas a condições que limitam sua autonomia e dignidade. A violência de gênero, a desigualdade econômica e o abandono social continuam sendo desafios urgentes. Além disso, a prostituição de menores, muitas vezes invisibilizada, revela um ciclo de opressão que rouba a infância e perpetua a exploração.

Olhando para a escrita da jovem e para a de Carolina, é possível notar um ponto de convergência: ambas usam a palavra como um espaço de resistência e de questionamento. Carolina escrevia para denunciar e transformar, enquanto a jovem reflete e busca respostas. Esse movimento de questionar o que está dado, de pensar alternativas, é um passo importante para a mudança.

Por fim, a reflexão da jovem nos convida a olhar para além das estatísticas e enxergar as histórias humanas por trás da prostituição. Assim como Carolina mostrou as vidas invisíveis da favela, a jovem traz à tona as vozes das crianças e mulheres cujos futuros poderiam ser diferentes. Esse diálogo entre tempos e experiências é uma lembrança poderosa de que a luta pela dignidade feminina é contínua e que cada geração tem o dever de enfrentar

as desigualdades que persistem. A pergunta "*o que poderia ser feito?*" deve ser uma chamada à ação para todos nós.

Em 18.10.23, a estudante UVA escreve somente isso: "Ser mulher nem sempre tem sido fácil, me vejo dominada por essa sociedade falha." (UVA, Anexo 6). Não sabemos a motivação dessa escrita, pois a adolescente não deixa outras informações adicionais ou pistas que nos permitam saber a motivação, apenas em duas linhas, mantém-se direta e incisiva. UVA parece recuperar as lamentações e denúncias de Carolina ao longo de seu diário e resumi-las neste curto período.

Neste mesmo dia, a estudante Ada desabafa em longo trecho do qual destaco:

Fico triste quando leio Carolina, um sentimento ruim de impotência, silêncio. Quando me deparo com a realidade, ela nua e crua, me assusto. Carolina nasceu, viveu, foi mãe, foi favelada, foi escritora, foi uma das "mulheres do fim do mundo" de Elza Soares e morreu. As coisas continuam, porém. O mundo ainda está cheio de Marias. (Ada, 18.10.23. Anexo 2)

O parágrafo aponta para a profundidade das reflexões que a estudante fez antes e/ou durante sua escrita desse dia. O fato de conhecer a "mulher do fim do mundo" revela que Ada é uma leitora e está por dentro das pautas de lutas das questões que tocam as mulheres, principalmente as pretas e pobres. Elza Soares chega no texto de Ada por meio do que Carolina Maria provocou nela e permitiu a intertextualidade. O que vemos, então, são textos de três mulheres de gerações e mundos diferentes que conversam acerca daquilo que as une: uma realidade feminina que as desafia, de tempos em tempos, clamando por mudanças.

Nesse sentido, há uma pergunta que reverbera durante todo este trabalho e para a qual gostaríamos de ter uma resposta que nos esperançasse: será essa a geração, a das jovens estudantes do século XXI, que terá a força necessária para tirar as Carolinas do quarto de despejo e colocá-las na sala de estar? Acreditamos que a citação a seguir traz as respostas para nosso questionamento. Refere-se à conclusão do diário de Ada: "Não quero ser "neutra". Ser neutra é sorrir para aquele colega que foi em passeata pró genocida e que, se visse uma Carolina Maria de Jesus na rua, nem olhava. Que vergonha dessa gente. Não serei "neutra", o que quer que essa palavra signifique." (Ada, 18.10.23. Anexo 2).

O que vemos, então, são mulheres que atravessam a porta aberta por Carolina Maria quando escancarou o seu quarto de despejo para o mundo. Mesmo que a realidade do quarto das adolescentes dessa pesquisa seja muito diferente da que tinha a escritora negra, as estudantes se veem encorajadas a abrir as portas e a falar sobre o que as incomoda, o que as sufocam e as aprisionam. O que este trabalho nos mostra é que as mulheres do fim do mundo

estão preparadas para, sem neutralidade, ocuparem seus lugares no mundo e eles são onde elas quiserem: no escritório, na fábrica, na universidade, na rua, na sala, no quarto, na varanda, na cozinha, mas não mais no quarto de despejo.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA FINALIZAR

A pesquisa intitulada *Carolina Maria de Jesus e jovens estudantes do século XXI: o diário como porta de acesso às subjetividades* investigou o impacto da leitura de *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus (2014), na escrita de jovens estudantes do IFRS *Campus Feliz*. Partindo do objetivo central do trabalho, que foi como a obra de Carolina pode dialogar com as experiências e inspirar a escrita dessas jovens, a análise revelou o potencial transformador da literatura ao conectar questões de escrita do gênero diário, de classe social, de raça e, principalmente, da condição feminina. Essa costura perpassou diferentes contextos históricos e sociais e estampou uma realidade que se perpetua em alguns pontos e se distancia em outros.

No decorrer da pesquisa, observamos como essas jovens receberam o texto por meio da leitura e o que entregaram através das escritas - diários - inspiradas pela obra de Carolina. A leitura e a escrita proporcionaram às estudantes um espaço de reflexão e expressão de suas subjetividades. A pesquisa evidenciou que o gênero diário é um poderoso instrumento para que jovens mulheres reflitam sobre suas inquietações, anseios e realidades, ampliando suas possibilidades de leitura crítica do mundo e de si mesmas. A relevância do tema é significativa tanto para a academia quanto para a sociedade, ao abordar como a educação pode contribuir para o empoderamento de jovens mulheres, oferecendo-lhes ferramentas para compreenderem e ressignificarem suas experiências.

Os objetivos propostos foram plenamente alcançados, visto que a análise dos textos das estudantes mostrou uma relação evidente com os temas abordados por Carolina Maria de Jesus, como a luta pela dignidade, a valorização da família e a condição feminina. A pesquisa também reforçou a importância de práticas pedagógicas que envolvam leitura e escrita como instrumentos de transformação pessoal e social. Assim, a obra de Carolina revelou-se atemporal, dialogando com questões contemporâneas e mostrando-se relevante para a formação crítica de novas gerações.

Os resultados destacaram não apenas a influência de Carolina na produção textual das jovens, mas também a necessidade de ampliação dessas práticas no ensino médio. As participantes trouxeram à tona reflexões profundas sobre o papel da mulher na sociedade, sobre as desigualdades sociais e a importância de resistir e sonhar mesmo diante das adversidades. Ao criar seus próprios diários, essas jovens reafirmaram a força da escrita como ato de resistência e construção de identidade.

A pesquisa também provou sua relevância na medida em que trouxe à luz o legado de Carolina Maria de Jesus como símbolo de representatividade e resistência feminina. A obra da autora, que transforma dor e miséria em fragmentos de esperança, inspirou as estudantes a buscarem um protagonismo que, como mulheres do século XXI, conscientes de seus privilégios de estudantes com condições sociais favoráveis, com famílias estruturadas e com acesso à educação e distintas manifestações culturais, têm a oportunidade de exercer através da educação e da escrita.

Constata-se então, que a literatura de Carolina Maria de Jesus, com sua escrita profunda e carregada de empatia, cuidado e senso de justiça, não apenas nos convida a refletir sobre a condição humana e as desigualdades sociais, mas também nos inspira a lutar por um futuro onde histórias como as dela sejam mais lidas, compreendidas e transformadoras. Assim como Carolina transformou sua realidade em palavras, essas jovens estudantes encontraram, no diálogo com sua obra, um espaço para ressignificar suas vivências e construir suas próprias narrativas de desabafo, resistência e esperança.

Ao ler Carolina pela primeira vez, fui tomada pela força de sua escrita, assim como essas jovens, e pela forma como ela expôs sua realidade com autenticidade e coragem. Identifiquei-me profundamente com várias nuances de sua narrativa, seja em reflexões que dialogam com minha própria condição feminina, seja ao aproximá-las das mulheres que amo e que fazem parte da minha vida. Desde então, sonhar em mudar minha condição tornou-se ainda mais latente.

Almejo ser vista não apenas como uma professora comprometida com a educação, mas também como alguém que busca, incessantemente, ser melhor em sua trajetória pessoal e profissional. Carolina não apenas me inspirou a compreender a potência da escrita, mas também a acreditar que, assim como ela, pode transformar desafios em caminhos de esperança e realizações. Somos muitas Carolinas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. Coord. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?** Brasília: Flacso, 2015.
- ANDRADE, E. N. F. de; CUNHA, M. V. da. Linguagem e acordos linguísticos em Aristóteles: contribuições para uma educação artística, poética e retórica. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 30, n. n.ESP, p. 243–268, 2016.
- ALVES, Izandra; ORTIZ, Aryeli de Oliveira da Costa. Preta Ferreira: a prisão como quarto de despejo. **REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS**, [S. l.], v. 3, n. 36, p. 445–463, 2024. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/7661>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**, 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2000.
- BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Gêneros do discurso na escola: discutindo princípios e prática**. São Paulo: FTD, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70 LDA, 2009.
- BASTOS, Gilda de Almeida; BASSANI, Sandra Mara Mendes da Silva. **A narrativa pessoal como forma de expressão emocional - uma proposta para trabalhar a escrita com o gênero diário**. Vitória: Ifes, 2021. 39 p. (Caderno Pedagógico - E-book)
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Rachel Ana; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MACHADO, Leila Domingues. O desafio ético da escrita. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, p. 146-150, 2004.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **Diários Públicos, Mundos Privados**: o diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade. 2002. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diaros-publicosmundos-privados.pdf>> Acesso em: 26 setembro 2024.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

APÊNDICE 1

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL – IFRS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PROPPI
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Estudante:

Você está sendo convidada para participar do projeto de pesquisa intitulado: “CAROLINA MARIA DE JESUS E JOVENS ESTUDANTES DO SÉCULO XXI: O DIÁRIO COMO PORTA DE ACESSO ÀS SUBJETIVIDADES”. Nessa pesquisa pretendemos verificar e analisar em que medida a leitura de *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, pode dialogar e inspirar a escrita de meninas estudantes, do século XXI. Para tanto, faz-se necessário averiguar as escritas de estudantes do 4º ano do ensino médio técnico do IFRS campus Feliz, que tiveram como inspiração a obra *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, a fim de perceber as reflexões e/ou influências da autora nos textos das jovens. A primeira parte da pesquisa será bibliográfica, acerca da obra da autora Carolina Maria de Jesus e do gênero textual diário. Na sequência, que contamos com sua participação, será enviado um questionário a você, através de e-mail ou *WhatsApp* para que saibamos mais a respeito de sua relação com a leitura e escrita. Por fim, acontecerá a análise dos seus textos - que você escreveu e que nos disponibilizará - em relação com os da autora.

Fui alertada de que este estudo apresenta risco mínimo para mim, isto é posso ficar constrangida, intimidada e não querer dar uma ou outra informação que possa me abalar emocionalmente e isso será respeitado. Caso isso ocorra, serei encaminhada para atendimento especializado junto à Assistência Estudantil do campus, a fim de receber o acompanhamento necessário. Além disso, diante de qualquer tipo de questionamento ou dúvida, poderei realizar o contato imediato com a pesquisadora responsável pelo estudo que fornecerá os esclarecimentos necessários.

Foi destacado que a minha participação no estudo é de extrema importância, uma vez que se espera conhecer o quanto os escritos de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, pouco letrada e favelada podem contribuir para reflexões de jovens estudantes do século XXI como forma de refletirem sobre si e sobre o mundo. Pretende-se observar se as escritas de jovens como eu possuem relações com a obra lida. Essa descoberta contribuirá também para que futuros professores reflitam sobre a importância do uso do gênero diário em sala de aula como estratégia de escrita para adolescentes e jovens suspendarem o tempo e contatar consigo mesmos através da reflexão de temas que possam ser inspiradores para a escrita.

Estou ciente e me foram assegurados os seguintes direitos:

- da liberdade de retirar o consentimento, a qualquer momento, e que poderei deixar de participar do estudo, sem que isso me traga prejuízo de qualquer ordem;
- da segurança de que não serei identificada e que será mantido caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade;

- do compromisso de ter acesso às informações em todas as etapas do estudo, bem como aos resultados, ainda que isso possa afetar meu interesse em continuar participando da pesquisa;
- de que não haverá nenhum tipo de despesa ou ônus financeiro relacionada com a participação nesse estudo;
- de que tenho direito a compensação material relativas às minhas despesas e de meu acompanhante com relação à transporte e alimentação, caso esses gastos sejam demandados durante a minha participação no estudo
- de que não está previsto nenhum tipo de procedimento invasivo ou coleta de material biológico;
- de que posso me recusar a responder qualquer pergunta que julgar constrangedora ou inadequada.
- de que serão mantidos todos os preceitos ético-legais durante e após o término da pesquisa, de acordo com a Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde;

Eu _____, portadora do documento de identidade ou CPF _____, aceito participar da pesquisa intitulada: "CAROLINA MARIA DE JESUS E JOVENS ESTUDANTES DO SÉCULO XXI: O DIÁRIO COMO PORTA DE ACESSO ÀS SUBJETIVIDADES". Fui informada dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada, bem como sobre a metodologia que será adotada, sobre os riscos e benefícios envolvidos. Recebi uma via assinada e rubricada deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Feliz, 06 de julho de 2023.

Assinatura da participante

Assinatura do (a) pesquisador(a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, poderei consultar:

CEP/IFRS

E-mail: cepesquisa@ifrs.edu.br

Endereço: Rua General Osório, 348, Centro, Bento Gonçalves, RS, CEP: 95.700-000

Telefone: (54) 3449-3340

Pesquisadora coordenadora: Izandra Alves

Telefone para contato: 51999797967

E-mail para contato: izandra.alves@feliz.ifrs.edu.br

APÊNDICE 2

QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS PELAS ESTUDANTES DO 4 ANO DO ENSINO MÉDIO

1. Que idade você tem?.....
2. Você reside com: () sozinha () pais () pais e irmãos () mãe () mãe e irmãos
() pai () pai e irmãos () outra
3. Onde reside?
4. Você é aluna trabalhadora assalariada? () sim () não
5. Qual é a renda mensal da sua família? () menos de 2 salários mínimos () entre 2 e 4
salários mínimos () entre 5 e 6 salários mínimos () mais de 6 salários mínimos
6. As pessoas da sua família que vivem com você tiveram oportunidade de finalizar o ensino
básico? () sim () não () em parte
7. Caso sua resposta tenha sido sim, alguém de sua família que vive com você, cursa ou
cursou ensino superior? Quem? Explique.
8. Em sua residência, há materiais impressos de leitura disponíveis? () sim () não
9. Você se considera leitora? () sim () não
10. Caso sua resposta tenha sido positiva, que materiais costuma ler? () leitura de textos
literários () artigos sugeridos para as disciplinas técnicas ou humanas para estudo das
disciplinas () notícias () textos publicados em perfis de redes sociais () outro
.....
11. Você costuma escrever além das escritas sugeridas/ solicitadas pela escola? () sim
() não
12. Qual sua opinião sobre a proposta da professora sobre a escrita que a turma está fazendo
a partir do diário de Carolina Maria de Jesus?
.....
13. Como você se sente escrevendo a partir da escrita de Carolina?
.....
14. Deixe aqui alguma outra observação que julgar pertinente.

APÊNDICE 3

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Carolina Maria de Jesus e jovens estudantes do século XXI: o diário como porta de acesso às subjetividades

Pesquisador: Izandra Alves

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 71117223.4.0000.8024

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.262.356

Apresentação do Projeto:

Está é uma pesquisa acadêmica e será realizada no IFRS, campus Feliz, com estudantes mulheres do cursos técnicos matriculadas nos 4os anos do ensino médio, todas participantes maiores de idade. Pretendemos averiguar em que medida a leitura de Quarto de Despejo: o diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, pode dialogar e inspirar a escrita de estudantes do século XXI. Para tanto a investigação terá uma abordagem qualitativa através de uma investigação, primeiramente, bibliográfica e, posteriormente, um estudo de caso. Assim, neste trabalho, além de discutir a obra em seus aspectos de literariedade e de construção do diário enquanto gênero textual, nos propomos a analisar os escritos das estudantes dando ênfase as possíveis relações e/ou imbricações com o texto de Carolina.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Averiguar as escritas de estudantes do 4º ano do ensino médio técnico do IFRS campus Feliz, que tiveram como inspiração a obra Quarto de Despejo: o diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, a fim de perceber as reflexões e/ou influências da autora nos textos das jovens.

Objetivo Secundário:

Levantar dados acerca da autora Carolina Maria de Jesus e de análises literárias de sua obra Quarto

Endereço: Rua General Osório, 348 - 3º andar- sala 303
Bairro: CENTRO CEP: 95.700-088
UF: RS Município: BENTO GONCALVES
Telefone: (54)3449-3340 E-mail: cepesquisa@ifrs.edu.br

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL



Continuação do Parecer: 6.262.356

de Despejo: o diário de uma favelada;

Discorrer sobre o gênero diário e suas características específicas de escrita;

Analisar a escrita das estudantes participantes da pesquisa e estabelecer relações com Quarto de Despejo:

o diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus;

Relacionar a escrita do diário como uma possibilidade dos jovens voltarem seus olhares para si expressarem suas inquietações, percepções e reflexões.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Destacamos que há risco mínimo para as participantes, isto é, pode haver constrangimento ou intimidação e não quererem dar uma ou outra informação que possam lhes abalar emocionalmente e isso será respeitado. Caso isso ocorra, a estudante será encaminhada para atendimento especializado junto à Assistência Estudantil do campus, a fim de receber o acompanhamento necessário.

Além disso, diante de qualquer tipo de questionamento ou dúvida, poderá realizar o contato imediato com a pesquisadora responsável pelo estudo que fornecerá os esclarecimentos necessários.

Benefícios:

A participação no estudo é de extrema importância, uma vez que se espera conhecer o quanto os escritos de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, pouco letrada e favelada podem contribuir para reflexões de jovens estudantes do século XXI como forma de refletirem sobre si e sobre o mundo. Pretende-se observar se as escritas de jovens possuem relações com a obra lida. Essa descoberta contribuirá também para que futuros professores reflitam sobre a importância do uso do gênero diário em sala de aula como estratégia de escrita para adolescentes e jovens suspendarem o tempo e contatar consigo mesmos através da reflexão de temas que possam ser inspiradores para a escrita.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

- 1) O estudo é nacional;
- 2) A pesquisa é parte do NÃO IDENTIFICADO
- 3) Tipo de fomento: Financiamento próprio;
- 4) Tamanho da amostra: 20 participantes (maiores 18 anos); Grupos: 1.
- 5) Previsão de início e término do estudo: 21/08/2023 a 29/03/2024.

Endereço: Rua General Osório, 348 - 3º andar- sala 303
 Bairro: CENTRO CEP: 95.700-086
 UF: RS Município: BENTO GONCALVES
 Telefone: (54)3449-3340 E-mail: cepesquisa@ifrs.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL**



Continuação do Parecer: 6.282.356

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados e estão de acordo com as normativas éticas.

Recomendações:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Norma Operacional CNS nº 001/13, Item XI.2.d.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de análise de resposta ao parecer pendente n. 6.220.527 emitido pelo CEP em 04 de Agosto de 2023.

Pendência 1: Consultar as orientações atualizadas sobre a elaboração do TCLE disponibilizado pelo CEP e adequar;

Resposta: Realizado de acordo com o modelo que consta no site.

ANÁLISE: Atendida.

Pendência 2: Incluir TCLE na formatação digital que será visualizada pelo participante, conforme Ofício Circular 1/2021/CONEP, ITEM 1.3, especificando, na metodologia, como será obtido o consentimento dos participantes de maneira remota.

Resposta: Os TCLs serão entregues pessoalmente às estudantes que aceitarão participar do projeto.

Sobre o link de acesso ao questionário, vou incluir na metodologia

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfHvZG15T2DwAafonO4I9mslIKp5IA96TRsf e7WuMqBJDVjw/viewform>

ANÁLISE: Atendida.

Pendência 3. Incluir o link de acesso ao questionário google forms. No formulário eletrônico, ter o cuidado para que as perguntas não tenham configuração obrigatória, garantindo assim ao participante o direito de não responder qualquer pergunta particular, conforme Ofício Circular 1/2021/CONEP, ITEM 2.2.1 ou também incluir a alternativa para cada pergunta: "Prefiro não responder"

Resposta: Também incluímos nas questões a opção "prefiro não responder", conforme novo questionário enviado em anexo.

ANÁLISE: Atendida.

Pendência 4. Ajustar na Plataforma Brasil o cronograma para a coleta de dados com início após a aprovação do CEP; Solicitamos uma carta de resposta às pendências elencadas

Endereço: Rua General Osório, 348 - 3º andar- sala 303
 Bairro: CENTRO CEP: 95.700-086
 UF: RS Município: BENTO GONCALVES
 Telefone: (54)3449-3340 E-mail: cepesquisa@ifrs.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL**



Continuação do Parecer: 6.262.358

neste parecer, juntamente com as alterações em destaque nos documentos, no prazo de 30 dias.

Resposta: Foi alterado e anexado novamente

ANÁLISE: Atendida.

Considerações Finais a critério do CEP:

Não foram observados óbices éticos.

O projeto está aprovado e, após a finalização da última etapa, conforme cronograma cadastrado na Plataforma Brasil, o pesquisador possui o prazo de 60 dias para envio do relatório final via Plataforma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	OUTRO_TCLE.pdf	22/08/2023 13:39:09	Maria Augusta Martirena de Oliveira	Acelto
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2175719.pdf	13/08/2023 17:15:41		Acelto
Outros	Questionario_estudantes_reformulado.pdf	13/08/2023 17:15:09	Izandra Alves	Acelto
Outros	Carta_resposta_izandra.pdf	13/08/2023 17:14:10	Izandra Alves	Acelto
Cronograma	Cronograma_alterado_agosto.pdf	13/08/2023 17:13:06	Izandra Alves	Acelto
Folha de Rosto	Capa_assinado_assinado.pdf	06/07/2023 11:29:12	Izandra Alves	Acelto
Outros	Ficha_avaliacao_textos.pdf	06/07/2023 10:54:54	Izandra Alves	Acelto
Outros	Questionarios.pdf	06/07/2023 10:54:40	Izandra Alves	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	06/07/2023 10:54:17	Izandra Alves	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	06/07/2023 10:54:02	Izandra Alves	Acelto
Declaração de Instituição e	Autorizacao_Institucional.pdf	06/07/2023 10:53:45	Izandra Alves	Acelto

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL



Continuação do Parecer: 6.262.398

Infraestrutura	Autorizacao_Institucional.pdf	06/07/2023 10:53:45	Izandra Alves	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	06/07/2023 10:52:49	Izandra Alves	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BENTO GONCALVES, 25 de Agosto de 2023

Assinado por:

CINTIA MUSSI ALVIM STOCCHERO
(Coordenador(a))

Endereço: Rua General Osório, 348 - 3º andar- sala 303
 Bairro: CENTRO CEP: 96.700-088
 UF: RS Município: BENTO GONCALVES
 Telefone: (54)3448-3340 E-mail: coperquisa@ifrs.edu.br

ANEXO 1 – Texto de Margarida

16 de abril de 2023

Hoje foi um dia diferente. Desde os ocorridos no meu trabalho estou me sentindo mais leve. Consegui fazer o que pensei por meses. Na minha casa está tudo bem. Foi enquanto sem brigas. Um cachorro fofo, mas ele me assusta um pouco. Quero terminar logo o analítico, não quero mais estudar, e aí não tem quem esse ano. Sacarri!

26 de junho de 2023

"O livro é a melhor invenção do homem" É ele que nos leva para outras cidades sem precisar de invenções como transportes. Ele que nos ensina receitas, línguas e diferentes culturas. Nos ensina de tudo: história até matemática. Realmente o livro é a melhor invenção do homem.

26 de setembro de 2023

Eu não gosto de purpur, não quero uma vida mais futura. Não gosto de uma mulher muito em suas relações. Não gosto de demais coisa e muito menos de coisas químicas como livro. Tudo não é um gosto, mais feroz.

14 de novembro de 2023.

Não mudou nada. A profissão que era tão presente e m feroz continua acontecendo. Algumas para seu sistema, outras por obrigação. Vivemos no mundo da tecnologia, onde vender seu próprio corpo se tornou muito fácil, e a cada dia vemos mais uma menina entrando nessa realidade.



Magrelinas

23 de fevereiro de 2023

Hoje foi mais um dia comum. Acordei às seis, fui ao trabalho e novamente tive a certeza de que estou exausta. Trabalhei por 10 horas ao dia durante todo o meu período de férias escolares, tudo para conseguir um futuro melhor. Recebi uma proposta de aumento de cargo do meu trabalho, mas não sei se vou dar conta este ano. Passei um momento com meus pais e não fui tão atenciosa. Me arrependo.

13 de março de 2023

Estou confusa. Meu chefe explicou quais serão minhas futuras funções na empresa, e não sei se quero continuar lá. Vou aumentar meu tempo para leitura, pois espero ir bem nos futuros vestibulares. Quero melhorar meu inglês e aprender italiano. Tudo isso decidi hoje. Minha mãe tá melhorando e meu pai bebeu ontem. Hoje, durante a madrugada, teve tivofoes perto da minha casa, com homens presos e um morto. Ainda não sei qual faculdade quero fazer e nem com o que pretendo trabalhar, sem ser meu atual emprego. Mas com certeza, não será com química. Passei o fim de semana como meu namorado e já sinto saudades. Espero conseguir guardar mais diário.



ANEXO 2 – Texto de Ada

Diário Carolina Maria de Jesus

Codiname: Ada

28/02/2023

Hoje eu acordei tarde. Já era quase 8h e eu queria ter acordado no máximo às 7h porque me sinto mais produtiva quando acordo cedo (ou me sinto menos preguiçosa, não sei).

Eu tô um pouco chateada com a *N* porque ela não me contou sobre com quem ela foi para a praia e porque ela sempre para de me responder do nada. Parece que sempre estou atrapalhando. Talvez eu deva ir para outro lugar. Eu pensei nisso.

Eu fui tomar café com a mãe e percebi que no horário que preciso estar no CFC hoje de noite é o mesmo que a hidro da mãe termina. Odeio conciliação de horários, principalmente porque parece que sempre estou atrapalhando os compromissos de alguém. Acho que detesto dirigir. Não gosto do meu instrutor, ele é rude e acha que ser rude é sinônimo de ser homem. Odeio homens assim. Preferia ter esperado mais um ano para tentar tirar a carteira. Sinto que vou rodar nas práticas e vai ser todo o dinheiro que economizei indo para o lixo.

No ônibus eu falei para a *L* que ia na janela hoje, mas eu me arrependi porque fiquei torrando no sol.

Hoje é aniversário da *B*, quase me esqueci. Hoje também vai ser a minha primeira aula na autoescola, mas não sei.

Quando leio Carolina, sinto que meu dia a dia é pequeno, fútil. Também me faz ter vontade de fazer mais pelo o que eu acredito. Não sei qual será o caminho desse diário, mas foi bom escrever essas amenidades do dia de hoje. Não me importarei com estética, o que é bom. É bom não ligar muito para o que as pessoas achariam às vezes (*Ada*, o que você acha de você mesma? Não sei).

09/03/2023

Na aula de agora, a profe Izandra leu um trecho de "Quarto de Despejo" em que a Carolina diz que se sente sempre em falta. Dá para pensar muito nisso: estar em falta. Às vezes eu me sinto em falta com mãe e o pai e sinto vontade de dizer "te amo" ("*tá tudo bem?*"); outras vezes me sinto em falta com a *L* e vou até o quarto dela fazer algum barulho, ou com a *M*, o que faz eu ter um pouco mais de paciência com ela e tentar ouvi-la por mais alguns segundos.

Eu acho que as nossas faltas nos movem também. E nos deixam exaustas. Odeio, em especial, estar em falta comigo mesma. Hoje eu não estou. Também não quero - e nem acho certo -, insinuar que entendo das faltas de Carolina Maria de Jesus. Não sei das suas faltas. Nunca senti dessas palavras que a moveram até as palavras de "Quarto de Despejo".

Eu acho que o objetivo disso é escrever sobre o meu dia. Mas meu dia foi normal, só com alguns pensamentos (tipo esse), ou algo, alguma palavra ou fala que me fez refletir.

Acho estranho você não ter um nome. Como o *A* tem.

25/abril 2023

Tem vezes que eu fico desanimada do nada (ia escrever "triste", mas odeio quando me consideram dramática). (E quem se importa com isso? Ninguém, ninguém. Quem me acha dramática vai me achar e ponto).

Quero escrever para o *A* hoje. É essa coisa que parece que eu sou a única que não cresce. E quem se importa? Ninguém.

ANEXO 3 – Texto de Antônia

Codônimo: Antônia

28/02- Hoje assinei a transferência do meu carro. Estou ansiosa para estar com a carteira. Dormi muito mas ainda estou cansada, preciso ficar cozinha.

13/03- Desci, cheguei em casa. Dormi até às 11h, tomei os remédios, almocei, varri. Peguei o carro e fui pra aula. Mais tarde tenho CFC, últimas aulas! Fatou cansada e quero dormir muito. Será que é uma recaída da medicação?

16/05- Fiz 1 mês e 4 dias que estou com a carteira, YAYY. Fiz algumas provas. Parei com a medicação e agora uso o óleo essencial, vamos ver se funciona.

16/05 O final de semana foi bom.

17/11- A realidade não é tão diferente hoje comparado a antigamente. Jovens mulheres ainda hoje se prostituem para ter algum (ou mais) dinheiro. Ainda hoje muitas meninas e alguns meninos vivem em quartos de despejos imundos.

Atenciosamente, Letícia Dreach

ANEXO 4 – Texto de Évelyn

13 de março de 2023 11:10:19 : 8 de 11

Percebi no fim de semana o ruído que as redes sociais estavam fazendo em mim. Narrativas de vida, de conquistas ou não, me distraíam da minha confusão interna que, cedo ou tarde, terei que encarar. Desinstalei. Tentarei me excitar mais e estar atenta ao eu. Li, vagarosamente, a cartilha da escola. A parábola de G.H. de Clarice Lispector. Me demorei a entendê-la mas, ainda assim, vejo muitas semelhanças entre eu e ela. O não-saber, o não-ser, a tentativa frustrante de tentar encontrar uma definição fiel de quem eu sou.

Scanned with CamScanner

16/05/23

É perturbador o sentimento de não agir na totalidade de mim.

26/06/23

"O livro é a melhor invenção do homem". Nesse trecho do diário de Barbelina fica evidente o quanto o escrito tem um papel importante na sua vida. O que ela escreve é uma pausa reflexiva em sua escrutinada jornada como mãe e co-tutora de livros.

Eu me prendo a situações que me fazem ~~me sentir indulgente~~ ^{eu não gosto}. Assim como Carolina, quero dar mais atenção às pessoas que gosto. Ultimamente tenho me prendido a uma situação específica a qual, apesar de ter me trazido bons momentos no passado, agora me traz mais preocupações do que qualquer outra coisa. Não quero mais me submeter a tais coisas por não reconhecer meu valor. Eu mereço mais e necessito dar mais atenção a mim. Devo fazer a manutenção da relação minha comigo mesma. E também de outras como com minha irmã, pais, avós e amigos. Devo deixar ir, para o meu próprio bem. Mesmo que seja doloroso.

Trazendo a escrita de Maria Carolina de Jesus aos dias atuais nada ou quase nada mudou. A prostituição é um modo de sobrevivência de uma quantidade significativa de pessoas, pessoas essas que na maioria das vezes estão à margem da sociedade, no Quarto de Despejo, como diz Carolina. Pessoas transmissoras principalmente que por serem excluídas veem como saída o trabalho sexual. A sociedade pouco evoluiu nesse quesito.

ANEXO 5 – Texto de Clarissa

* 28 Fevereiro 2023

Hoje acordei às 7:30 da manhã. Curioso se conseguirei acordar neste horário. Costumo sentir coragem para levantar depois das 9:30.

Acho que isso aconteceu porque no dia anterior tive várias grandes conquistas internas. Passei por cima de alguns medos. Fiquei orgulhosa.

Pensei que no dia seguinte deveria fazer algo mais incomum, acordar cedo.

Na verdade precisava lavar o cabelo e essa tarefa demandou muito tempo. De fato, terminei às 8:15.

1º de Março 2023

Hoje amanhecer de hoje já voltou tudo ao normal. Era esperado. Levantei 8:48. Até que não foi tão ruim assim. Algum tempo depois quando já havia escovado os dentes, peguei meu celular para ver as horas. Para a minha surpresa vi a data do dia de hoje. É dia 1º de Março. Fevereiro passou muito rápido e ao mesmo tempo tão devagar. Como pode um mês ser o menor dos meses e comportar tantos acontecimentos diferentes em tão pouco tempo.

tilibra

2 de Março de 2023


↳ Acordei cedo novamente. Preciso ir com uma vaga do RH de uma empresa para negociar meu estágio obrigatório. Estava apreensiva. A falta de informações sobre como sucederia a conversa me corria pelo dentro. Foi. Prefiro deixar acontecer.

Deu certo. A princípio tenho uma vaga garantida. Mas preciso conhecer o laboratório primeiro. Aí! que medo! Mais um dia que vou ter que lidar com essa ansiedade. Bom, algum dia eu aprendo.

3 de Março de 2023

↳ O dia começou mais cedo do que eu gostaria. As 2:40 me acordei com um pesadelo. Estava nervosa. Hoje tem uma festa. Costumo ficar sozinha. Gosto de minha própria companhia. Mas hoje não tenho para onde fugir. Não tem jeito. A ansiedade vai me acompanhar hoje também. Quem sabe amanhã seja melhor.

4 de Março de 2023

↳ Fui às 4 horas da manhã quando cheguei em casa da festa. Até que não foi tão ruim assim. Bebi bastante, dancei bastante. Não podia 

1880 há muito tempo. Foi bom. Me deu vontade de fazer isso mais vezes.

5 de Março de 2023

* 6 de Março de 2023

ho O dia começou novamente e a questão de hoje é ir até o laboratório e confirmar a estóga. Fui com ansiedade mas deu tudo certo. Fiquei muito feliz. Fazia tempo que eu esperava esse momento. Na verdade, eu gostaria de estar mais feliz por isso. Acho que eu deveria sentir mais orgulho das pequenas coisas que eu conquisto. Afinal de contas, tudo isso ajuda muito da minha paz mental. Mais uma coisa para melhorar.

7 de Março de 2023

11 de Março de 2023

ho Chegou o final de semana. Coisinha! Passei a semana inteira esperando o final para poder ir natia. Queria comprar com a mãe, ou ir no mercado fazer as compras da semana. Mas não consegui nenhuma das opções. Muito triste. Sinto que precisava disso para descansar e descongelar para poder iniciar a próxima **libra** semana. Como disse: que pena!

12 de Março de 2023

↳ Acordei hoje pela manhã e pensei: Que dia é hoje? A resposta que obtive ao olhar o celular, foi de que hoje é Domingo. Ufa! Ainda não é segunda! Porém, eu sabia que não teria chance de sair. Minha tia estava recebendo visitas. Está muito quente para caminhar e os lojas estão todas fechadas, porque hoje é domingo.

Não esperava que isso me abalaria tanto.

Decorou há pouco tempo que eu gosto muito de estar com a minha família. De fato, gostei muito!

* 13 de Março de 2023

↳ Hoje não estou com vontade de falar.

* 16 de Março de 2023

↳ Hoje acordei para ir ao estágio, lutei contra o sono. Não queria levantar da cama. Mas fui. Pensei: pressa rápido. De fato. Já é de tarde. Hoje eu tive uma prova de sociologia, amanhã tenho aula de Química Analítica.

Não sei se eu estou vivendo ou apenas fazendo prova, trabalhando e adiantando trabalhos. Mas amanhã é um novo dia.

até tomar conhecimento sobre escrita e vocabulário.

27 de Junho de 2023

↳ Esse ano tá sendo muito estressante. É como se não era pra acontecer essas coisas. Parece que o ano tá errado. Tenho vontade de desistir de tudo. Me sinto presa. (Quero me soltar dessas amarras.

Eu ando muito ansiosa. Tá tudo confuso. Eu não tá bem. Só quero que o ano acabe logo.

3 de agosto de 2023

↳ Hoje eu fui visitar o local da meu estágio para coletar algumas informações para o meu relatório de estágio. Foi estranho ver tudo.

Esse lugar me traz ansiedade. Foi bom ver aquele ambiente e ir pra casa. Eu me sentia presa lá, desta vez eu fui para casa. Me senti livre.

24 de agosto de 2023

↳ Não importa a vida dos outros, as expectativas dos outros, as leis dos outros. Vale a minha vida e as minhas aspirações.

tilibra

* 14 de novembro de 2023

↳ É nitido a falta de educação sexual das jovens e crianças da favela onde Carolina mora. Ela descreve um ambiente agressivo para as crianças. Acredito que de lá para cá não mudou muita coisa. Não há uma preocupação dos adultos em protegerem ou informarem as crianças.

ANEXO 6 – Textos de Marília Carmen

pseudônimo: MARÍLIA CARMEN

28/02/23

JULIA SPECHT

A noite foi difícil, meu irmão não dormiu bem. Acedar, logo, foi um vaso. Já queria estar lapsoxada.

No varalço, imediatamente fiz umas de que me pagam, umas como meu pai diz, tudo será recompensado.

06/03/23

Depois, não 3h30, ufa, carnada há tempo para dormir mais uma vez. São 5h10. Mas minha hora. Que vontade de ter nascido herdura. Mas um vez, o Marley me deu a dá uns pulos de bom dia. O caminho de ônibus é um colúrio para dormir, mas não penso, dormir minha lattura só para cá e uma. Hoje foi dia de fazer, queria de abala, e chuxis um plugra.

13/03/23

Hoje é um daqueles dias, um que vai da cama e difícil. A noite demorou a passar, assim como a mente demorou a dedicar. O dia pensou e sinto que nada fiz, apenas existi. É uma.

17/05/23

Eu amo abraços, amo sorrisos e amo momentos que me fazem ver como a vida vale a pena. Hoje tive um desses dias, ver meu irmão caminhando com minha ajuda, transferir meu celular e me fazer valer por o simples fato de caminhar.

26/06/23

Aceitei. Escovei os dentes. Sempre o mesmo hábito, as vezes de uma vontade radical de mudar, ver e fazer coisas diferentes. Era a vida, pra me verda e sentido. É isso.

14/11

Hoje a dentura falou sobre a prostituição, e o mais triste, é saber que mesmo poucos muitos anos, e ainda mais mudar muito. Quantos virangas vivem numa realidade e numas vidas numa perspectiva, quantos futuros brilhantes estão escondidos por detrás de prostituição. O que martela muito a cabeça, é que poderia ser feito

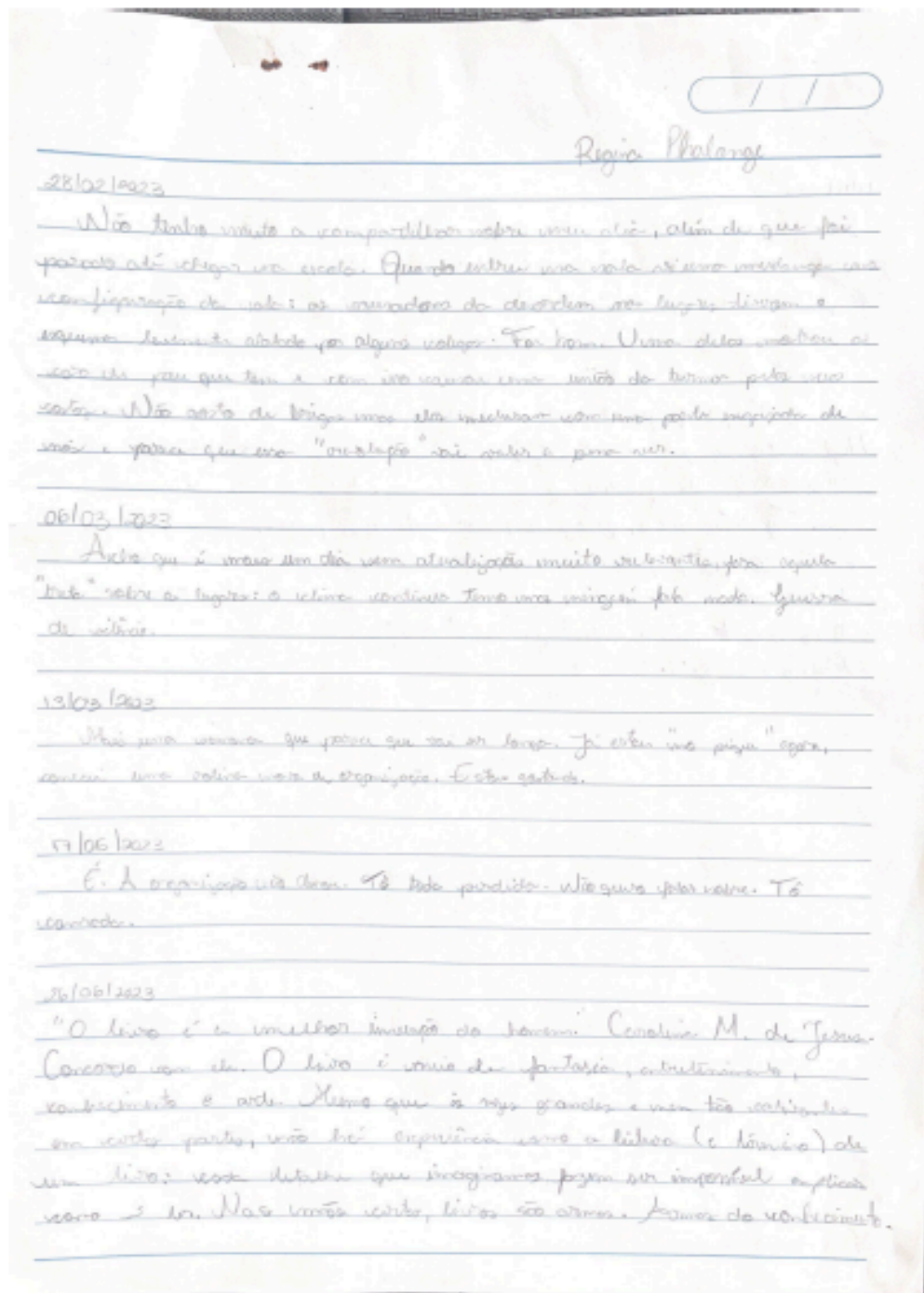
15-08-23

Quando "Cordina de Deus" fala que não consegue distinguir
 suas lés, me identifiquei. Não foi fácil ouvir o relato de Lery,
 mas quando ~~ela~~ ~~contava~~ ~~me~~ tudo parecia melhor. Imaginei
 aprendendo palavras e textos novos todos os dias e tudo já
 tão bom. Sem duvidas o livro já é o maior material
 de Homen. Como foi dizer o teatro "Magias" (que não sei
 de minha colega "Mundo e profeta")

18-10-23

ser mulher ^{tem sido} nunca sempre \leq fácil, me vejo
 dominado por esta sociedade filha.

ANEXO 8 – Textos Regina Phalange



Atulosa

"Fu acta que a situação já está a mudar a unanimes." Foi o que eu pensei. Não de lembrar da minha situação. Foi a primeira vez que eu soube a que espécie a situação é. Vi que não é a mesma situação que eu soube de antes que eu não queira todo dia ainda por o exato. Vi que não é uma "demora" de forma alguma depois a dois, uma vez, uma situação e uma "opção" frequentemente exatida.

Hoje soube de novo da "puta" de muitos países reais. Mas quando a "puta" é de proibição a relação por. Acta que essa relação não é dan. Também acho, depois de pensar mais um pouco, que a situação de J. e C. não se perpetua no cenário dele.

Se muitos mais não de que eu. Isso me faz pensar no privilégio que tanto mais também no "diz" que "levo" de agir. Fazer algo para os outros é a Espira conseguir.